

Revista de Ensino

ANNO XIII

DEZEMBRO — 1914

NUM. 3

São Paulo, Dezembro de 1914.

Devidamente auctorizados por seu auctor, o illustre pŕy-chologo, Prof. Dr. Hugo Pizzoli, transcrevemos do *Estado de S. Paulo* o excellente artigo sob o titulo :

PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA

As exterioridades da criança

I

Todos os estados psychologicos têm, uns mais, outros menos, as suas expressões exteriores. O merecimento do professor-psychologo consiste precisamente em saber observar, colligir e interpretar estas fórmãs externas, e pol-as em relação com os estados de consciencia da criança.

Dizia-me, ha poucos dias, um professor: «Eu observo, assignalo os caracteres dos meus discipulos, mas sem ordem, como elles se me offerecem; a difficuldade, porém, vem depois, isto é, quando se trata de elaborar os dados colligidos para sobre elles formular um juizo.»

A esse professor não faltava o «olho psychologico», mas faltava o methodo. E é justamente deste importante assumpto que eu farei objecto de dois artigos.

Si quizermos descrever, com um pouco de methodo, as fórmãs que assume a expressão dos estados psychologicos, devemos adoptar uma classificação que corresponda, de um lado — a elementares principios physio-psychologicos, do outro — ás necessidades da pratica escolar. Portanto, falaremos primeiro do aspecto da criança, que comprehende o seu exterior, a disposição geral, os gestos, a physionomia e a mimica. Depois, trataremos da sua conducta, que se compõe de todos os actos

simples ou complexos, isolados ou associados, voluntarios ou involuntarios, encaminhados a um escopo intencional ou mesmo inconsciente, e cujo conjuncto, para nós, representa, da maneira mais genuína, a objectivação do caracter individual e da personalidade nas suas relações com o ambiente escolar especial.

Por vezes, o aspecto externo, a attitude geral, a physionomia, o vestuario, a postura espontanea caracterizam e revelam a condição psychologica da criança, mas não raro encontramos meninos a quem falta, ou parece quasi faltar, a uma primeira inspecção, todo vestigio de caracteres externos reveladores da personalidade. O educador deve então socorrer-se assaz da primeira impressão que lhe fazem os caracteres externos e superficialia da criança; deve, com o seu exame, analisar, parte por parte, esta impressão, começando por observar, desde o primeiro momento, as exterioridades mais salientes, depois as menos visiveis, para sobre ellas formular o seguinte juizo: «o aspecto pessoal deste paciente é, ou não é, conforme á média dos meninos pertencentes a familias pouco mais ou menos nas mesmas condições sociaes?» Quando falte inteira ou parcialmente essa conformidade, isto é, quando exista uma dissemelhança em relação ao typo médio normal, então o professor será constrangido a notar necessariamente a existencia do «typo anormal» no paciente.

Advirto, ainda, que não haja necessidade, que devemos entender por «média», o grupo no seu mais amplo sentido: isto é, no sentido de «variedade» de individuos humanos em formação, semelhantes aos característicos geraes biologicos e sociologicos (raça, sexo, idade, constituição, condição socia, cultura, moralidade, etc.)

O primeiro cuidado do professor será distinguir o «typo intelligente normal médio» do typo débil de espirito (imbecilidade, deficiencias por paradas de desenvolvimento, atrasos, etc.)

Com effeito, o deficiente differe em média do que tem a mente prompta no aspecto, na attitude, no modo de apresentar-se, de gesticular, na expressão mimica dos estados interiores de consciencia, no modo particular de reagir aos estímulos perceptivos, na maneira especial de agir em familia e, em geral, nas relações de adaptação á escola. Para maiormente caracterisar este typo, juntem-se notas anthropologicas ou physicas, a saber — anomalias, as quaes tambem servem para augmentar as particularidades do aspecto exterior. Assim, facilmente se verá que o typo do débil demente é producto summario de varios elementos, isto é:

1.º) **morphologicos**: corpo mal conformado em relação á média typica da raça, do sexo e da idade; deshar-

monia e não correlativo desenvolvimento das partes, estigmas de degeneração, sobretudo evidentes na cabeça, no rosto e nos aparelhos externos dos sentidos, onde de preferencia se realisam os movimentos reflexos e as reacções de expressão;

2.º) **pathologicos**: lesões trophicas dos tecidos externos; estados dos vasos periphericos e dos aparelhos organicos em geral; alterações da motilidade e alterações da sensibilidade sobretudo dos sentidos especificos da vista e do ouvido, do sentido do equilibrio e do sentido muscular;

3.º) **psycho-physiologicos**, que são os de natureza propriamente expressiva, dos quaes devemos occupar-nos um pouco.

*
**

O primeiro e mais visivel factor da dissemelhança individual é o «estado physico do seu organismo.» Muitas crianças são somaticamente sans e taes se revelam no aspecto: mas ha-as ainda que mostram no exterior os característicos do soffrimento physico.

Não será difficil ao professor julgar desde o principio si a criança está em condições de bem-estar ou de mal-estar. O colorido vivo ou pallido da pelle, especialmente do rosto; o desenvolvimento do panniculo adiposo; a presença ou a ausencia de caracteres de sensibilidade precoce (as rugas; a normalidade ou a perturbação das funções vaso-motoras (corar, empallidecer), a postura habitual do corpo em estação erecta e sentada; o andar franco ou vacillante, até o abandono do corpo; o olhar movel, ou lento, ou fixo; a voz forte, ou fraca, ou áphona; a loquacidade ou o mutismo; a apparencia de força ou de cansaço; a turgidez ou o afrouxamento dos tecidos cutaneos; a vivacidade ou a lentidão dos movimentos espontaneos; o augmento ou a diminuição do tom muscular, que se revelam no gesto rapido, ou commedido, ou deficiente; o cuidado ou a incuria da pessoa, o ar resolutivo ou indeciso; a actividade ou a tendencia ao torpor: — eis os dados que deverão ser colligidos o cujo conjuncto auxiliará o professor a formular um juizo synthetico sobre o bom ou o mau estado de saúde da criança.

Um factor importante da dissemelhança, que o professor deve ter em vista de modo especial, porque está em mais directa relação com o escopo do seu exame, é a indole particular das condições psychologicas em relação á expressão.

A observação vulgar e, mais ainda, a experiencia escolar, demonstram a existencia de alguns typos característicos, os quaes estão a indicar estados symptomaticos complexos, legiti-

mamente discerníveis entre si, e portanto, merecedores de especial descripção. Cada um destes typos se contradistingue pela forma particular que assume nas suas relações com o ambiente escolar, seja nas acções determinadas por estímulos interiores ou psychicos (idéias ou sentimentos) seja nas reacções e estímulos exteriores (impressões sensitivas e sensoriaes). Estudamos, pois, uma por uma, as variedades destas dissemelhanças, começando por aquellas que primeiro se nos offerecem ao exame e se referem ao governo das coisas materiaes communs, circumstantes, para passarmos, depois, ás menos simples, que dizem respeito á conducta escolar da criança.

Vestuarios e adornos — Embora o vestuario e os adornos estejam em estreita relação com as condições economico-sociaes da familia, ainda assim os dados a respeito, desde que sejam colligidos com tacto e apreciados com methodo, podem adquirir um alto valor diagnostico. O cunho da deficiência intellectual, da desordem mental, não se estampa sómente na physionomia e na attitude, mas também nas coisas materiaes usadas pela criança — e especialmente nas que, como o vestuario, parecem quasi identificar-se com a pessoa.

Esta fonte de dados é, como se sabe, empirica e vulgar. De facto, empregamol-a diariamente nas relações sociaes para julgar do character de um individuo; todavia, não é de admirar que o professor chegue a della tirar não raro alguma precisa informação sobre as condições da psyché. Reconhecemos que não é, de certo, nos grandes successos que se manifesta em regra o typo psychologico, mas nos pequenos passos da vida quotidiana. Quando, pela primeira vez, nos vemos em face de um homem desconhecido, a nossa attenção se fixa nos particulares do seu vestuario, como si quizessemos achar nelles os signaes dos seus sentimentos e pensamentos! E' que o vestuario tem, em relação ao character e á conducta do individuo, uma significação symbolica: cada uma de suas partes, seja accessoria, seja fundamental, nos revela algo da personalidade que recobre. Nos alumnos aliás não podemos basear o nosso juizo sobre a forma, a qualidade, a côr, etc., da roupa, porque, geralmente, a compram os paes; mas, desde que um vestuario é occupado um certo numero de vezes, não só melhor se adapta á conformação do corpo, mas, pelos movimentos e gestos minimos, muitas vezes repetidos, acaba por adquirir um cunho caracteristico na fazenda e assume assim o valor de uma impressão estavel dos habitos e do character da pessoa. Em muitas crianças o proceder se revela na desordem e no desasseio do vestuario: com effeito, ellas transcuram a conveniencia e a limpeza e, dirigindo contra diversas partes da roupa as suas impulsões,

apresentam-se sujas, mal recobertas, e mal abrigadas. A roupa da criança desordenada é muitas vezes dilacerada, mostra-se aos farrapos, com manchas de gordura e sem botões.

E' incrível, e occasiona despesas enormes ás familias, o estrago que fazem certas crianças ao vestuario. Dada a pouca limpeza da roupa e o aborrecimento ás obluções pessoaes, certas crianças exhalam um cheiro nauseabundo, penetrante, que lembra o dos mammiferos roedores.

O professor deve voltar as suas vistas também para os accessorios do vestuario, visto como alguns desses — os adornos — indicam uma vaidade excessiva, um grande e morbido sentimento de si proprio. Entre os adornos que as crianças, mais frequentemente as meninas, juntam ao vestuario, figuram antes de tudo, as flores, as fitas. Por vezes o vestuario revela um ostensivo rebuscamento de detalhes e uma grotesca pretensão á elegancia, que estranhamente contrastam com o pouco asseio das vestes e da pessoa.

Nas escolas (durante o horario escolar ou nas horas de recreio) se fazem pequenos objectos de ornamento, coisinhas de papel colorido, com as quaes se instiga a vaidade dos meninos futeis. São bagatelas sem valor intrinseco, mas preciosos sob o aspecto psychologico, porque mostram como, em cada estadio da civilização, a paixão pelos adornos é instinctiva no homem.

Convem que o professor dirija ainda a sua investigação sobre outras particularidades materiaes — quero dizer, sobre os objectos usuaes que a criança prefere e traz muitas vezes consigo (as collecções, por exemplo) e sobre os mais numerosos e variados productos materiaes em cuja elaboração ella despende toda a sua propria actividade e por meio dos quaes não raro é expressa e symbolisada a parte mais intima e importante do seu estado intellectual e affectivo. A variedade das frioleiras de que a criança faz objecto de divertimento é tão grande que me é impossivel referil-as no espaço de um artigo. Mas, entre ellas, merecem especial menção as collecções chamadas intellectuaes: de sellos, por exemplo, ou de moedas, de figurinhas coloridas ligadas entre si por liames logicos; as collecções naturaes — borboletas, besouros e outros insectos, mineraes, plantas, etc.

O colligir e descrever estes objectos, bem como as collecções referidas, poderia ser thema de um estudo preciosissimo.

Merecem também especial exame os productos espontaneos, isto é, os objectos construidos pelas proprias crianças — objectos

de varia especie, que offerecem, como os adornos, curiosissimas analogias com os utensilios do homem prehistorico ou dos povos selvagens. O confronto da technica usada pelas crianças, nesta elaboração das materias primas, com a dos povos inferiores, revela-nos um completo retorno ás phases primitivas da industria humana. Uma attenção especial merecem as colheitas intellectuaes de que algumas crianças se sobrecarregam, enchendo com ellas os bolsos e os forros do vestuario. A mania dessas collecções, quando exaggerada, é uma das tantas formas que podem evidenciar tendencias psychopathicas.

Os seixinhos, os farrapos, os cacos de toda sorte, os fragmentos de papel, de que fazem provisão certas crianças, ao passo que constituem uma occupação normal da infancia, se persistem em idade superior, são quasi sempre indício prognostico pouco risonho: de feito, estas collectas denotam, ou uma lesão permanente dos processos perceptivos, ou um enfraquecimento da intelligencia. Realmente, as crianças, deste feitio, ou são victimas de illusões, ou de erros de raciocinio.

(Continúa)

UGO PIZZOLI.

(da Universidade de Módena)

O professor e a sociedade (*)

Senhor director da Escola Normal de Pirassununga! Illustrados lentes! Futuros collegas! Senhores!

E' no desempenho de uma honrosa incumbencia que sou presente hoje aqui entre vós. Enche-me ella da mais profunda satisfação, por isso que vou dirigir-me a futuros collegas, que tomarão certamente, na maxima consideração, as observações que ora pretendo externar sobre assumptos que muito interessa a todos nós.

Não são minhas, declaro, as idéias que vou expôr. São o fructo de observações feitas, de conclusões deduzidas. Essas idéias serão expostas sem a minima pretensão de stylo. Não vos mimosearei com as louçanias de uma fórmula burilada. A minha linguagem, habituada ás explicações escolares, não tem surtos de eloquencia, ou devaneios poeticos. Eu vou falar-vos na linguagem simples e pueril do *mestre-escola*.

*
**

O professor inexperiente, que, com o espirito povoado de sonhadoras esperanças, inicia, cheio de santo enthusiasmo, sua nobre missão, julga-se cercado da consideração da sociedade.

Logo aos primeiros passos, na vereda cheia de espinhos, sente elle que se lhe arrefece o enthusiasmo pela desconsideração daquelles que mais deviam encorajal-o. Profissão que bem merecia as bençams dos pais e a gratidão dos alumnos, é relegada para o plano inferior em que se collocam os mistéres mais rasteiros da humanidade. E, quando, já com alguns annos de exercicio, percebe a ingratição dos ex-alumnos, daquelles que com elle lucraram o maior bem que se póde conseguir na vida — a educação das faculdades e a instrucção primaria, o enthu-

(*) Discurso pronunciado na sessão solenne do Gremio Normalista « 11 de Junho » de Pirassununga, pelo prof. GUILHERME KUHLMANN.

siasmo desaparece, o desanimo se dilue na desillusão que succede a uma visão que se esvae!

Mas, em parte, relevem-me a franqueza, a sociedade tem razão de assim proceder! Ainda perdura no espirito de todos a attitude dos antigos mestres, que abdicando de sua propria dignidade, alardeavam como excellente methodo pedagogico o uso constante dos castigos physicos. Resta ainda vestigios de um odio e malquerença contrahidos na meninice. E' necessario, porém, que a sociedade e leve em sua consideração o professor; que veja nelle, não o algoz cobarde que se valia da superioridade physica para martyrisar crianças indefezas, mas sim o orientador solícito, o factor poderoso da formação de futuras individualidades!

Os deveres da sociedade e do professor são reciprocos. Si aquella necessita encorajamentos e acatos, este deve procurar merecer-lhe a gratidão, pela sua attitude, pelo desempenho consciencioso de sua missão. Nestes desprezenciosos apontamentos procurarei dizer-vos qual deve ser o *modus vivendi* do professor, para que se veja prestigiado, e, assim, mereça o honroso logar que occupa na sociedade. Aquelle que proceder, julgo o eu, da fórma que vou desenvolver, contribuirá, por certo, para que as futuras gerações encarem a sua personalidade como um elemento poderoso do engrandecimento patrio.

*
**

Manuel Bernardes escreveu algures: «Não ha modo de mandar ou ensinar mais forte e suave do que o exemplo: persuade sem rhetorica; impelle sem violencia; reduz sem porfia; convence sem rebate; todas as duvidas desata, e corta caladamente todas as desculpas.»

O profundo pensamento do classico, tem inteira applicação na attitude que o educador deve conservar. O professor é o espelho da classe, diz-se constantemente. As suas maneiras, o seu modo de proceder são copiados constantemente pelos alumnos. Não que para isso se esforcem elles, mas pela influencia do convívio, pela imitação natural.

A conducta do professor é constantemente observada, na escola e fóra della. O educador não deve limitar a sua missão ás quatro paredes de uma sala de aula: a sua conducta como homem, como chefe de familia, como membro de uma sociedade, deve ser rigorosamente recta.

As seducções do mundo, os vicios da mocidade, que parece, surgiram com a lugubre missão de dizimar a humanidade, nem

por sombras devem preoccupar o espirito daquelles que têm, como missão, a educação de futuros cidadãos.

Felizmente, os casos de desregramentos, entre os nossos professores, são rarissimos, mas, mesmo assim, prejudicam a classe, porque os eternos julgadores dos actos alheios, que a maior parte das vezes têm os seus proprios actos criticados com justiça, estendem pela classe inteira os crimes praticados por um de seus membros. E' muito commum ouvirmos dizer: «os professores» — quando pretendem verberar o procedimento de um professor.

Por conseguinte, um procedimento correcto, uma moral praticada a todos os instantes constituem requisitos indispensaveis para o bem estar do mestre, para o bom cumprimento da missão de educadores.

*
**

Bem sabeis que a escola primaria deve ser *eminente* educadora. E' da escola primaria que saem educadas e desenvolvidas todas as faculdades.

Para conseguirmos esse intento procuramos introduzir methodos que tenham bases psychologicas, que estejam de pleno accordo com o desenvolvimento mental da criança. A missão do professor não se resume a ensinar inconscientemente os rudimentos da leitura, da escripta ou da arithmetica: ella tem o dever de fazer desabrochar os espiritos, procurar o acepilhamento dos caracteres, ou por outra, contribuir para sua completa formação. Como cumprir essa missão, si o professor não dá bons exemplos, si a sua conducta constitue motivo de reparos constantes?

A criança, que, no seio da familia, se habitua aos máus exemplos, que cresce num ambiente máu, na escola recebe directamente a influencia da attitude do professor, e, a não ser algumas qualidades hereditarias, que tambem, em parte, podem ser modificadas, o seu intimo se renova e o seu raciocinio se habitua a adoptar o que é bom e a desprezar o que é máu. Para isto conseguirmos é mistér que o professor conheça perfeitamente o intimo da criança, que esteja a par de todo o desenvolvimento psychico e physico que se opéra nos primeiros annos da existencia.

Bolton propoz, uma occasião, que se gravasse na entrada de cada sala de aula a seguinte inscripção: «Aquelles que ignoram a natureza e o desenvolvimento da criança, não podem entrar aqui.» Meditae bem sobre a importancia destas palavras.

O professor, que não tiver estes conhecimentos, sacrifica a criança, embaraça-lhe o desenvolvimento e comete o crime de ministrar um ensino que não se coaduna com o seu estado intellectual e physico. Os pais e interessados, que não conhecerem o *desenvolvimento e a natureza da criança*, também não podem entrar nas escolas, porque de accordo com a ignorancia das coisas do ensino, proclamam a inferioridade dos methodos empregados, menosprezam os esforços do professor.

E' importante que se conheça bem o intimo dos educandos. Mas, para isso é preciso que haja muita dedicação, é preciso que o educador sinta no seu intimo esse fogo sagrado que é o garantidor constante de todo o successo em materia de ensino — o entusiasmo. Aquelles que não sentirem vocação pelo nobre mysterio, praticaria um acto de consciencioso equilibrio mental abandonando a carreira.

*
**

Lavisse, num discurso ha pouco pronunciado, por occasião da inauguração de uma escola em Nouvion, discurso que bem analysado poderia servir para um curso completo de boa pedagogia, entre muitas cousas sãs e bellas disse que: «o melhor meio para o mestre de fazer homens honestos é mostrar em todas as suas palavras, em toda a sua conducta, o homem honesto. E' pelo exemplo que convém pregar. E' deixando ver a nossa propria emoção em face do bem, que conseguimos communicar-a. E' pela alma que dirigimos as almas. Quando o menino de escola encontra em nós, não sómente o homem que ensina, mas o homem que se interessa por seu coração, por seus sentimentos e por sua vida verdadeira, a principio elle se mostra surprehendido, depois encantado, e, abandonando-se-nos, deixa-se afinal conduzir para onde quizermos conduzi-la.»

As palavras de Ernesto Lavisse dizem tudo com relação ao modo pelo qual se deve conduzir o professor na escola.

E' na bondade e no carinho que reside o segredo da disciplina escolar. O mestre bondoso, que em sua aula procura tornar attraente o ensino, não desprezando os esforços dos alumnos, encorajando-os com palavras de animação e evitando as explosões de colera, consegue uma disciplina adoravel. Não necessita dos meios artificiaes para mantel-a; as notas, os premios são desprezados por inuteis.

A criança convence-se de que cometteria grave ingratitude insubordinando-se. Além disso, em seu espirito se vae formando a convicção de que deve ser disciplinada para o seu bem pro-

prio e na sua moral em formação surge mais um precioso dom: o acatamento á autoridade e ás leis.

Nada de constrangimentos na escola. O alumno precisa gozar da liberdade e bem estar e isso consegue o professor nos limites da disciplina.

*
**

A criança tem a percepção instantanea do ridiculo. Uma pessoa que cae, um defeito physico, provocam explosões de riso nas crianças. A primeira vez que um professor se apresenta em uma classe, é objecto de um rigoroso exame por parte dos alumnos. Procuram elles, com insistencia, um ponto qualquer que possam ridicularizar. Muitas vezes o mestre, desde o primeiro dia de aula, nota que os alumnos se inquietam á sua chegada, que de espaço em espaço risos abafados perturbam o silencio. Desconhece o professor as causas de taes manifestações e a maior parte das vezes são provocadas por um tic qualquer, um gesto natural, quer de physionomia, quer de gesticulação.

São manifestações nervosas que á propria pessoa passam despercebidas, mas que no espirito infantil provocam explosões de ridiculo, que constituem enorme prazer para as crianças. Dahi resulta a necessidade de nos corrigirmos em nossos gestos, de cultivarmos muito as maneiras e as attitudes.

A disciplina de uma classe depende muito do primeiro dia de aula.

O professor estréanta deve, desde o primeiro dia de aula, procurar prender a attenção de seus alumnos. Não desprezem o primeiro dia por falta de assumpto. Um interrogatorio minucioso sobre a moradia, sobre os paes e irmãos dos alumnos, sobre a idade de cada um, habtos hygienicos, etc., constitue um assumpto importante para o inicio de funcionamento de uma escola. A primeira impressão é a que sempre perdura em nossos espiritos.

As vacillações, proprias de quem inicia um mysterio, devem ser substituidas na escola por uma acção decisiva e prompta.

*
**

A disciplina racional, que se baséa na bondade, não póde ser conseguida com o tom cerimonioso com que são tratados os alumnos. A escola, sendo o prolongamento do lar, deve ter o mesmo ambiente de respeitosa familiaridade. O professor atilado procura chamar os alumnos pelos appellidos de casa.

Produz desagradavel impressão o facto de uma professora de 1.º anno chamar a uma alumna de 6 ou 7 annos com todas as regras da etiqueta: *D. Benedicta, a senhora não está se portando bem!* Estes pequeninos factos têm capital importancia na ordem de uma escola.

*
* *

Senhores collegas! a missão do educador é cheia de difficuldades, mas é tambem cheia de nobreza. O seu destino social é o de contribuir, modestamente embora, para a formação dos alicerces da nacionalidade. «E' das mãos do professor, disse o saudoso Dr. Alberto Salles, que saem disciplinadas e cheias de vida, com uma orientação uniforme e constante, essas innumeradas unidades sociaes, solicitadas pelos mesmos sentimentos, animadas pelos mesmos pensamentos, pelas mesmas idéias e pelas mesmas crenças, fundidas todas nessa grande entidade social e politica que se chama — a nacionalidade.»

O professor contribue efficaçmente para a renovação de sentimentos, para a modificação de tendencias. Com as cautelas do officio, elle educa o psychico e o physico da criança de hoje, do cidadão de amanhã. O coração da criança, escripto meigo de bondade e de amor, pela acção do mestre carinhoso desabrochará num vasto repositório de bons sentimentos.

A educação é o centro de toda a evolução social. Della depende o engrandecimento patrio, della surgirá uma nação forte, não pela preponderancia imbecil de exercitos aguerridos, mas pelo valor intellectual de seus filhos. Da educação surge o amor ao trabalho e o cortejo benefico das virtudes!

«O melhor professor, proclamou Lavisse, é aquelle que, depois de ter ennobrecido a sua alma, a abre e a comunica ás crianças em todos os actos da vida escolar, com simplicidade, sem processos nem fórmulas convencionaes, nem attitudes tendenciosas — como sopra o vento e desliza a lympha.»

O amor tem preponderante papel na educação. As crianças que, indecisas e tetubiantes, entram pela primeira vez numa escola, sentem-se bem com a attitude amorosa do professor. E, esse amor pelas criauças não será um sentimento dignificante e elevado? Crianças, meigas auras que se vão illuminando para os dias tortuosos da vida! Bem merecem ellas o nosso amor! Nós que conhecemos as agiuras da existencia, devemos suavisar a mennice com o nosso amor, com o nosso carinho!

Quereis uma difinição inspirada da criança? Eil-a! é de Macedo Papança:

Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chóra,
E' uma risonha aurora
Que o coração nos esmalta.

Triste daquelle a quem falta
Na vida que se evapora,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chóra.

Si o desalento me assalta,
Si a doença me devora,
Dá-me uma extranha melhora,

Que me anima e que me exalta,
Uma criança que salta
Que canta, que ri e chóra.

O educador que encarar a sua missão pelo lado da affectuosidade amorosa, terá sempre estimulo na consideração dos alumnos e na amizade dos pais. Trabalhará pela reivindicção dos seus direitos na sociedade, e contribuirá para que a classe seja prestigiada e bemquista.

*
* *

Será de vantagem associar a familia á escola, procurar por todos os meios communicar os defeitos observados nos alumnos, trocar idéias. Esta pratica produz no alumno a benefica impressão de que a escola não se acha muito afastada do lar. Os pais poderiam então, com justiça, avaliar os esforços do professor, e deste facto surgiria fatalmente a gratidão e o acatamento.

A posse dos conhecimentos atravez da educação psychica assegura ao educando a felicidade real na vida. Mal avizados andam aquelles que abarrotam o espirito da criança de noções varias. Um ensino racional, baseado nos principios da psychologia, assegura ao alumno um futuro vasto no campo intellectual.

O nosso distincto collega Arnaldo Barreto, um dos mais operosos professores paulistas, que associa ao profundo preparo que possui, uma energia inquebrantavel, fez imprimir na primeira pagina da sua incomparavel cartilha analytica, as seguintes palavras: «Não merece o nome de professor aquelle que para ensinar não recorre aos processos mais de accordo com as leis do espirito.»

O conhecimento completo das bases scientificas dos methodos de ensino só poderá produzir beneficio ao professor. O campo de seus conhecimentos se alarga, e seu intellecto evidencia-se e proporciona a elevação da propria dignidade.

A educação moderna, libertando-se completamente do empirismo pedagogico, penetrou desassombradamente no terreno scientifico. O professor já não se deixa illudir pelas exterioridades, elle tem á mão as *tests* montaes, que lhe asseguram o conhecimento da personalidade do alumno. Elle sabe o ensino que deve ministrar, releva as faltas dos impulsivos e supporta pacientemente a demora dos reflexivos. Conhece perfeitamente as diversas phases do crescimento, as diferentes molestias da infancia e os phenomenos delicadissimos da puberdade. Previne accidentes e com seus conselhos sempre opportunos, consegue reformar o physico e o psychico dos alumnos.

Os methodos de ensino são todos baseados em processos psychicos. O de leitura, que adoptámos e que victoriosamente já se implantou em nossas escolas, a despeito da opposição que teve, exemplifica perfeitamente a minha asserção. O methodo analytico é educativo porque exercita a memoria, transforma a attenção expontanea em attenção voluntaria, desperta a associação de idéias, desenvolvendo deste modo a formação mental da criança. Vem pois, os jovens collegas, que a missão do educador é bem mais elevada e difficil do que acaso poderiam suppôr.

*
* *

Resta-me, para terminar esta série de abservações, falar sobre o espirito de disciplina dos professores. A *submissão digna*, que constitue a base do progresso e da ordem, observada rigorosamente, assegura o equilibrio de uma instituição. O respeito para com os superiores hierarchicos, dentro dos limites da dignidade, é o mais benefico exemplo que póde dar um professor aos seus educandos.

Num estabelecimento de ensino em que o direito é respeitado pelos professores, a ordem se estabelece, o progresso se manifesta e os seus credits se alargam, produzindo o bem estar de todos.

*
* *

O professor que educar conscienciosamente os seus alumnos, procurando, a par do desenvolvimento harmonico das faculdades, despertar-lhes os sentimentos artisticos, desenvolver-lhes

o amor da patria pela historia nacional, geographia e literatura *folk-lerista*, terá cumprido religiosamente o seu dever, e os seus esforços terão recompensa na gratidão da sociedade.

O professorado do Estado de São Paulo, que muito tem feito, fará ainda muito mais com a contribuição forte da mocidade das actuaes Escolas Normaes. Da homogeneidade que, fatalmente, ha de surgir, teremos o engrandecimento da nossa instrucção publica. E a marcha progressista do nosso ensino por certo não estacionará. Cabe a vós, jovens collegas, a sagrada e nobre missão de estimular os progressos do ensino. A nossa intervenção no seio do professorado será a galvanisação do enthusiasmo, que irá encorajar os extenuados; servirá de exemplo aos desanimados, e irá contribuir para o augmento do numero daquelles que — abnegados patriotas — consideram o ensino como um elevado sacerdocio, repleto de confortantes recompensas moraes.

7 de Setembro de 1914.

Escola Normal

Realizou-se, em 12 de Setembro, na Escola Normal desta Capital, uma sessão em homenagem ao sr. dr. José Estacio Corrêa de Sá e Benevides, lente da cadeira de Historia Universal e do Brasil, ha poucos dias fallecido.

A' sessão, que foi promovida pelo Gremio Normalista «Dois de Agosto», compareceram todos os lentes e professores da Escola Normal, alumnos de todos os cursos desse estabelecimento e admiradores do antigo professor. A familia do finado fez-se representar pelo sr. dr. Gabriel de Rezende, senador estadual e lente da Faculdade de Direito de São Paulo.

O programma estava assim organizado :

I — Abertura da sessão pelo sr. José C. de Almeida, presidente do Gremio Normalista «Dois de Agosto».

II — Canto de Mendelsohn.

III — Discurso do lente sr. João L. Rodrigues.

IV — Discurso do orador do Gremio, sr. Euclydes de Lma.

V — Discurso do dr. Leopoldo Sant'Anna, lente da Escola Normal Primaria.

VI — Lefèvre — Harmonia coral.

Todos os numeros do programma tiveram cabal desempenho, revestindo-se a sessão de um character severo e sympathico.

O sr. João L. Rodrigues, lente da Escola, pronunciou o seguinte discurso :

Exmo. sr. Director — Caros Mestres e Collegas — Exmas. senhoras — Meus senhores :

Saudade e esperanza — eis os dois polos entre os quaes oscilla o nosso espirito em presença desta commemoração. Elle evoca a lembrança de um desses quadros que muitos de nós terão contemplado, ao atravessar uma clareira das nossas florestas tropicaes.

Sobre o tronco de uma arvore, que o raio feriu, e as intemperies esgalharam, ostenta-se luxuriante a vegetação das orchidéas e bromelias. Do fundo verde da folhagem, emergem as flores, onde a vista se deleita, não sabendo o que mais admire, si a originalidade das formas ou a tonalidade rubra do colorido.

Ahi temos, em pinturesca miniatura, um symbolo dessa solidariedade que existe entre o passado, o presente e o futuro.

As radículas, quaes tentáculos, enlaçaram o tronco, ensinaram-se através do lenho morto, já em parte carcomido pelas larvas, e, no seio daquelle organismo em decomposição, foram beber o humus vital que agora desabrocha naquella floração cheia de promessas.

Solidariedade — eis a lei universal ineluctavel.

Lá é a solidariedade entre a arvore que frondejou ha muitos annos, as flores que se abriam pela manhan e os fructos que estarão sazoados daqui a poucos mezes. Aqui é a solidariedade entre o tumulo e o berço, entre a tradição e a esperanza, entre uma vida que se extinguiu e novas vidas que vêm surgindo, qual surgem novos astros na trajectoria de outros que se apagaram.

Sim, porque si ha mortos que falam, como declara o protagonista do conhecido romance de Vogué, ha tumulos que ensinam, tumulos que têm o poder de crear a vida, sulcos fecundos de onde brota exuberante a sementeira das mais fecundas inspirações.

O tumulo em torno do qual adeja neste momento o nosso espirito, o tumulo onde repousa a argilla daquelle que, em vida, se chamou José Estacio Corrêa de Sá e Benevides, é daquelle que possuem esse extraordinario privilegio : esta sessão o atesta de um modo inequivoco.

Ella proclama que queremos cultuar a memoria desse homem lhano e bonissimo, tão grande na sua modestia quão modesto nos titulos de benemerencia annexos ao nome da sua familia — precioso patrimonio accumulado em mais de tres seculos de vida historica.

E que significa esse culto sinão a nossa esperanza na virtude inspiradora dos seus exemplos? Não se trata simplesmente de pagar um tributo de saudade. O que mais importa, o que nós queremos é contemplar os traços mais caracteristicos da physionomia do querido extincto, interpretar a sua vida, e descobrir, atravez da trama dos episodios, os ensinamentos que tal vida nos suggere.

Para se poder apreciar a esmagadora moral de um homem e o papel que elle representou no scenario da vida social, necessario se torna estudarmos a physionomia do seu ambiente, as tendencias mais prementes de sua época, as circumstancias favoraveis ou hostis através das quaes sua acção se desenvolveu.

Tratando-se do dr. Benevides, ha uma época que se pode considerar decisiva para um tal julgamento.

E' o periodo que se seguiu após o advento da Republica.

Esta Escola passou, então, por uma reforma radical e, sob a direcção esclarecidíssima de Caetano de Campos, sua vida interna ia tomando uma face inteiramente nova.

Longe de se isolar na «turrís eburnea» de uma superioridade intangível, o director vinha confabular familiarmente com os estudantes e especialmente com os professorandos que praticavam na Escola Modelo.

Era a acção pessoal, directa, de homem a homem, a exemplo do que faziam Fichte, na Allemanha, e Lavisse, na França, segundo refere Julio Payot, em um livro notavel.

Idolatrado pelos alumnos que lhe admiravam o talento e a cultura, nada tinha elle a temer de taes contactos.

Com Caetano de Campos, novos lentes haviam entrado para o corpo docente: Cyridião Buarque, em todo vigor da mocidade e do talento, nome já consagrado nas lides do magisterio; João Vieira, ex-professor do Collegio «Culto á Sciencia», apontado por Julio Ribeiro como um dos cultores mais competentes da lingua vernacula; e ainda outros, cujos nomes são assaz conhecidos nesta Escola.

Entre lentes e alumnos se estabelecera uma forte corrente de sympathia e confiança; e, como fructos desse estado de cousas, funda-se a «Arcadia Normalista», promovem-se sessões cívicas, revelam-se aptidões oratorias, até ahí desconhecidas, asignalam-se felizes ensaios de versificação.

Violento era o contraste entre esse regimen de desafogo e espontaneidade e a disciplina de outr'ora, toda feita de coerção e autoritarismo.

Dahi illações um tanto precipitadas, segundo as quaes o Imperio não se teria esforçado propositalmente por combater o analfabetismo, vendo nelle a melhor garantia da estabilidade do throno; dahi a formação de toda uma lenda, attribuindo ao regimen extinto um desamor mal disfarçado pela obra da educação popular e consequentemente pela classe do professorado publico; dahi tambem um largo fremito de entusiasmo pela attitudo do Governo Provisorio de São Paulo, empenhando-se, com vero esforço, para melhorar o aparelho escolar e elevar o nivel intellectual das massas populares.

Essa corrente de opiniões era alimentada em grande parte por aquillo que Bourget expressivamente denomina a poesia da Revolução, estudo lyrico do pensamento que não admite a possibilidade do progresso sinão pela ruptura com a tradição.

Tal poesia, contudo, era necessaria naquelle momemto, por ventura ainda mais necessario do que os themas educativos que haviamos importado com os novos moldes didacticos. Ao seu contacto é que se operou, sobretudo na alma do professorado,

essa vasta galvanisação de vontades, cujos beneficos effeitos se fizeram sentir por tantos annos, e sem a qual teriam talvez fraccassado as mais acertadas medidas administrativas.

Deste retrospecto resalta claramente, meus senhores, o que havia de difficil na situação dos lentes notoriamente dedicados ao regimen decahido. Na Faculdade de Direito, o Conselheiro Justino de Andrade foi jubilado «ex-officio», e nesta Escola igual sorte ia ter, segundo todas as apparencias, o dr. Benevides.

Tradicionalista, pois era portador de um nome historico, elle parecia, de certo modo, corporificar o regimen malsinado. Fora educado no respeito ao principio da autoridade, e passava, aos olhos de muitos, por um aristocrata. Tinha a demais um crime: professava o catholicismo numa época em que as theorias evolucionistas, brilhantemente professadas pelo dr. Caetano de Campos, na cadeira de Biologia, exerciam enorme ascendente sobre o espirito dos moços normalistas. Com taes antecedentes, elle achava-se, por assim dizer, fora do quadro: era um elemento retrogrado e, como tal, não se podia ajustar dentro da nova ordem de ecusas, sobretudo na sua posição de professor de historia.

No dia da reabertura das aulas ninguem o viu, e houve quem perguntasse:

— Qual será a attitudo do dr. Benevides?

Os factos iam responder: o lente de historia solicitou uma licença e teve um substituto. Acreditava-se que elle não reasumiria o exercicio, mas a previsão falhou. O dr. Benevides voltou e, por uma dessas ironias frequentes do acaso, voltou exactamente quando a cadeira, no desenvolvimento do programma, devia occupar-se da Revolução Pernambucana de 1817.

Era um acontecimento em que as opiniões correntes tinham de collidir forçosamente com as convicções pessoas do lente... O momento não podia deixar de ter influencia no seu destino.

Quando elle entrou em classe, todas as physionomias deixavam transparecer algo de expectativa ansiosa. A prelecção começou no meio de um silencio que tinha algo de sepulchral. O lente, contudo, apparentava inteira serenidade. Entrou em materia sem preambulos, expez os factos com vigorosa imparcialidade e, por fim, fez vêr que o motim militar, guindado pela lenda ás proporções de movimento revolucionario, longe estava de ter a importancia que se lhe queria attribuir. Aos olhos do historiador desapaixonado, não passava de uma explosão de ciume, de rivalidade entre militares, entre officiaes brasileiros e portugueses.

A lição não faltou siquer o sal de uma leve ironia quando o lente se referiu ao facto da abertura das prisões, onde, á falta

de presos politicos, havia criminosos vulgares, que, dali a pouco se entregaram a actos de depredação.

Esta aula — forçoso foi confessar — causou impressão. Nada houve nella que de longe soasse como um acto de contrição, ou um protesto de adhesão á revolução victoriosa.

O lente não se dignou descer ao terreno perigoso das explicações; seu criterio e sua respeitabilidade se affirmaram, nessa conjuntura, de um modo irrecusavel e, por um desses reviramentos da opinião que Gustavo Le Bon explica na «Psychologia das multidões», quando elle se retirava, finda a aula, achava-se plenamente reintegrado na estima e na consideração dos seus alumnos.

A crise fôra conjurada, e essa victoria dava uma medida do seu valor pessoal.

Podia-se estar em desaccordo com suas opiniões, mas era difficil negar o tributo de respeito a que elle fazia jus pela firmeza do seu character.

Passava-se isto, como disse, em 1890. Quando voltei para a Escola Normal, 5 annos mais tarde, afim de cursar o 4.º anno, que fôra creado posteriormente á minha formatura, frequentei novamente as aulas do dr. Benevides, desta vez como alumno de Historia Universal.

Tinha eu, já então, alguns annos de tirocinio, como professor, e estava em condições de poder melhor apreciar a sua orientado didactica e os seus predicados como educador.

Em suas prelecções o dr. Benevides não tinha desses arroubos de entusiasmo que põem em vibração toda uma classe.

Essas prelecções tinham, em compensação, um cunho accentuadamente didactico.

Lente experimentado, o dr. Benevides sabia ser sóbrio sem ser incompleto. Não sobrecarregava a memoria do alumno com pormenores de importancia minima.

Ordenava a exposição de modo a fazer resaltar o perfil essencial dos acontecimentos, e deixava tudo o mais ao trabalho pessoal, ás locubrações dos estudiosos.

Em muitos casos, limitava-se a orientar, indicando as fontes que poderiam ser consultadas com proveito para o preparo da lição.

Jamais fez de sua cathedra um instrumento de proselytismo; jamais peiou o surto das convicções do alumno; ao contrario, deixou sempre margem á affirmacão de sua originalidade, favorecendo por essa forma a formação do seu discernimento e a educação do seu senso critico.

O acatamento de que viveu sempre cercado, constitue uma prova inconcussa do seu ascendente pessoal, conquistado pelo

seu modo de ser, pela correcção irreprehensivel de seus actos, talvez ainda mais do que pelo seu ensino propriamente oral.

E aquillo que elle foi, explica aquillo que elle fez.

Entrou para esta Escola em 1880, e aqui professorou por espaço de 34 annos, consagrando o melhor de sua vida á formação de successivas gerações de normalistas, que souberam honral-o na vida pratica.

E' um facto incontestavel, meus senhores, que a Escola Normal de S. Paulo é uma escola tradicionalmente operosa, ordeira, disciplinada. Não falta quem, desconhecendo o seu passado e, deixando-se deslumbrar pelos nossos progressos recentes em materia de ensino, queira attribuir as conquistas alcançadas á exclusiva virtude das normas didacticas que, após o advento da Republica, se introduziram em nosso meio escolar.

Ha nisto um erro de apreciação e uma injustiça.

A velha Escola Normal dos tempos monarchicos não estava, sem duvida, armada com os grandes recursos da didactica moderna. Ella contava, entretanto, na sua corporação docente, homens da estatura de Godofredo Furtado, Manuel Vicente da Silva, Julio Ribeiro, Silva Jardim, Sá Benevides — para não citar sinão os mortos — homens todos elles de real prestigio pelo seu saber, pela sua grande autoridade moral, e exercendo sobre a alma da mocidade poderosa influencia inspiradora. A melhor prova dessa influencia está nessa numerosa pleiade de normalistas que dahi sahiram desde 82 ou 83 e a cujos meritos servem de expoente os nomes de Olympio Catão, Thomaz Galhardo e Gabriel Prestes.

Esta tendencia operosa e ordeira, que nos enche de desvanecimento; esta seriedade, que é um dos traços distinctivos dos nossos estudantes, tem suas raizes nesse passado; é uma tendencia muito consolidada para que possamos ver nella o resultado de um «fiat» summario, operado pelo prestigio mirifico das reformas officiaes.

O dr. Benevides pertencia ao numero desses lentes, desses educadores que podem ser considerados como os lidimos fundadores deste instituto; reliquia veneravel de um passado esquecido mas fecundo, elle foi, sem hyperbole, um dos patriarchas da Escola Normal de São Paulo, e um dos benemeritos do ensino popular em nossa terra.

Trinta e quatro annos de serviços, ponderae bem.

Foi lente, foi director, foi secretario, foi bibliothecario. Nenhuma posição lhe pareceu menos digna, por subalterna, mas fugiu systematicamente ás posições de destaque, onde parecia pouco á vontade a sua real modestia.

Nos dois annos que tive a honra de trabalhar ao seu lado, foi-me dado conhecê-lo bem de perto.

Retrahido para o publico, como aquelles que têm, na phrase de Bontroux, o pudor dos proprios pensamentos, seu convívio era um encanto para os poucos admittidos á sua intimidade.

Sem ser propriamente um *causeur*, seu discreto revelar por vezes uma veia de sadio, innocente humorismo, que ninguem teria suspeitado por baixo da sua circumspecção official.

Pontualissimo no cumprimento de seus deveres, trabalhou até as vespéras de sua morte, embora tivesse 34 annos de serviços, isto é, 4 annos mais do que seriam precisos para ser aposentado.

Discreto, leal, tolerante, cavalheiroso no trato, foi um typo modelar como collega e companheiro de trabalho.

E que dizer delle como chefe de familia?

o grande acompanhamento que teve o seu enterro, a qualificação das pessoas que foram levar-lhe á beira da campa sua derradeira homenagem, mostram quão longe se havia estendido, sem embargo do seu retrahimento, o circulo de suas relações, qual o conceito em que era tido no seio da sociedade paulistana.

O corpo docente desta Escola acompanhou-o em peso á estancia do eterno somno e pela voz de um dos seus membros mais respeitaveis, dirigiu-lhe o supremo adeus de despedida, em phrases a que a emoção deu verdadeira eloquencia.

A' beira do tumulo prestes a cerrar-se muitos dos seus antigos discipulos se inclinaram tristemente, na attitude de quem murmurava em seu intimo:

— Morreu o nosso Mestre! Não senhores: esta consagração posthuma protesta contra tal supposição. Não morrem aquelles que deixam após si uma tradição tão veneravel.

Si os livros que o dr. Benevides escreveu encerram apenas pallidos reflexos, amortecidos écos das excellentes lições que elle professou na cathedra de lente, as lições dos seus exemplos permanecem intactas, e essas lições são eminentemente suggestivas.

Elle tinha a nobreza da linhagem, mas sua vida inteira consumiu-se no trabalho, como a demonstrar que os pergaminhos nobiliarchicos só têm valor quando ratificados pela benemerencia de quem os possue.

Viveu com simplicidade, sem ambições de fortuna, sem velleidades de predominio, mas ensinou praticamente por que meios se consegue resguardar a independencia do proprio caracter — o mais precioso de todos os thesouros.

Foi um homem de principios e sua vida foi um desdobramento logico de suas convicções; foi um espirito christão e mostrou, por sua indefectivel serenidade, de quanto apoio nos

seja, no meio de tantas fluctuações e diliquescencias, a posse de um ideal que nos impulse para os cimos illuminados da espiritualidade.

Carissimos alumnos e alumnas. Escolhido pela Congregação desta Escola para vos dirigir a palavra neste acto tão solenne, não tive a pretensão de fazer um panegyrico, mas fiz o possivel para depôr com sinceridade perante a historia.

Filho espiritual desta Escola, meu dever está cumprido.

Vou, pois, concluir, e sejam para vós minhas ultimas palavras.

Na carinhosa manifestação com que de mim vos despedistes no anno passado, uma de vós, falando em nome de sua classe, assignalou os meus sentimentos de respeitoso affecto, de vivido reconhecimento para com os meus antigos mestres nesta Escola. Sim, são esses na realidade os meus sentimentos, e nelles está a força que me tem sustentado nos trabalhos e luctas de mais de vinte annos de vida publica. Admirar, venerar, é ter um ideal de acção, e ter um ideal, na opinião de Leon Bourgeois, é ter uma razão para viver.

E uma vez que tivestes intuição para interpretar os meus sentimentos, oxalá que o meu exemplo venha a fructificar, oxalá possaes compreender toda a força efficiente da veneração, especialmente quando ella se traduz no culto pelos grandes mortos.

Nós não sabemos mais querer, exclama tristemente um psychologo contemporaneo; nós não sabemos mais querer, não sabemos mais agir, não sabemos mais vencer, simplesmente porque não sabemos mais amar.

Pois bem, a veneração é a forma mais impessoal, mais nobre, mais acrysolada do amor, não do amor puramente sentimental, tantas vezes estéril, mas do amor que opera, do amor que se sacrifica, que enfrenta o trabalho e a dôr, que é a causa inspiradora dos actos heroicos.

Esta solennidade proclama que quereis cultuar a memoria do homem nobre e magnanimo que foi o dr. Benevides.

O gesto é bello, mas é preciso que não fiquéis sómente nesse gesto, como aquelles que, no dizer de Wagner, imaginam ter feito tudo porque bem falaram.

Sim, é preciso que o Mestre extincto reviva em cada um de vós, como a arvore, ferida pelo raio, revive e refloresce nas plantinhas que se lhe abraçam ao tronco; é preciso que esta encantadora floração dos vossos desejos, fructifique em acções que sejam como que um prolongamento de sua propria acção; é preciso que, apoiados sobre a inestimavel tradição, que elle nos deixou, procureis capitalizar esse legado para o transmittir opulentado ás futuras gerações de estudantes que por aqui hã de transitar ainda.

Seja esta, caríssimos, alumnos, a vossa ambição, porque só assim é que se poderá realisar aquella solidariedade de que fala o famoso poema de Longfellow :

Lives of great men all remindus,
We can make our lives, sublime
And, departing, leave behind us
Footprints on the sands of time.

Footprints that perhaps another,
Siling o'er life's solemn main
A forlorn and shipwrecked brother,
Seeing shall take heart again.

JOÃO L. RODRIGUES.

Do numero 25, anno III, de Março do corrente anno, extrahimos o bello trabalho que sob o titulo — *Novos idéaes philanthropicos* — publica o *Boletim Mensal* do Museu Social Argentino.

A grandeza dos intuitos, os bellos e altruisticos conceitos, contidos nessas notaveis paginas, nos impelliram a reproduzil-as, embora em pallida versão.

Lendo essas linhas, o professorado terá uma idéa do muito valor que á educação da infancia ligam todos aquelles que, como a distincta autora, Ernestina A. Lopes de Nelsom, lhe consagra no seu artigo, sob o titulo :

A philanthropia preventiva e a criança

Um esculptor célebre deu fórma, em marmore, a uma idéa que, certamente, tem assaltado a todos aquelles que, pensando nas miserias da Humanidade, remonta sua imaginação até ás causas de tão longos soffrimentos.

Esse marmore representa um grupo formado por um joven par, um ancião e um menino.

Os tres primeiros personagens de nosso grupo sustentam, sobre os hombros, enormes blocos, cujo peso collossal lhes faz arquear o corpo, dando a seu rosto a expressão da mais profunda dôr.

Junto delles, o menino nú e franzino, parece ainda mais pequeno e débil, encolhido, com seus bracitos levantados como para proteger a cabeça, que elle inclina para o chão, indicando o sentimento de terror, de que está possuido, ante a possibilidade de que o enorme peso que os outros carregam, possa esmagal o si cahir sobre elle, sentindo ao mesmo tempo a angustia e a miseria que tambem o afflige.

Os que o rodeiam parecem amal-o ; alguns delles estendem as mãos em um movimento mixto de protecção e temor, porque o grande peso que sustentam, não lhes permite distrahiem-se para affagar a criança.

Dir-se-hia que aquelles desgraçados desejam afastar o innocente, a quem, conforme a expressão do seu olhar indica, sentem que não podem prestar o menor auxilio.

A concepção desse bloco artistico não podia ser mais feliz.

A criança vem ao mundo com menores aptidões para a vida do que os animaes mais inferiores.

No emtanto, sobre nenhum delles pesa um tão grande numero de encargos e responsabilidades como aquellas que dos hombros dos progenitores ella está quasi fatalmente destinada a receber.

A herança de trabalho extenuante, de dissabores, de enfermidades e todo o conjuncto de miserias que affligem a humana especie, ahi estão sobre sua cabeça, emquanto aquelles que são seus defensores naturaes não podem protegê-lo.

A criança mal se póde defender, infelizmente, por que ella não possui a necessaria experiencia.

Os paes, que não conseguem libertar-se do pesado fardo que os opprime, e sobrevivem ao peso excessivo, só tem um destes dous caminhos: ou afastar de perto de si a criança, antes que venha a partilhar a propria sorte, ou incorporal-a ao seu penoso viver para caminharem e soffrerem juntos, já que não se podem libertar nem fugir á lucta.

No primeiro caso, a criança é condemnada pelo delicto de ser débil, vendo-se abandonada pelos mesmos que causaram sua debilidade e fraqueza; no segundo, a miseria e a dôr, para que ella não concorreu, lhe são levadas em conta, exigindo lhe que offereça o sacrificio de sua infancia a essas duas divindades nefastas.

E' assim que o mundo presencia diariamente a hecatombe de creaturas indefesas que parece não terem vindo á vida sinão para ser immoladas, e para as quaes a sociedade adquire a fórma desses antigos monstros, que applicavam essas iras com o sangue das victimas innocentes, que lhes eram offerecidas em holocausto.

E' assim que se commettem para com a infancia esses dois grandes crimes que podem synthetizar todos aquelles de que ella é victima: *abandono* e *crueldade*.

Abandonar uma criança não é sómente o acto de atiral-a á roda ou deixal-a no saguão de uma casa.

Abandona-se tambem a infancia, quando ella é afastada da influencia da familia e da escola, para deixal-a entregue ao convívio daquelles que o acaso lhe depara em seu peregrinar pelo mundo; quando é desprezada sua saude e sua hygiene, sua educação moral e sua alegria; quando não se cultivam suas tendências para proporcionar-lhe, com auxilio dellas, um meio de vida facil e digno; quando se deixa, emfim, de ter em vista seu porvir e sua felicidade.

Geralmente considera-se crueldade o acto de maltratar physicamente uma criança, mas, em realidade, esse não é o maior delicto de que um individuo póde ser accusado em relação á infancia.

Tudo quanto, de um modo mais ou menos directo, póde ser causa de que o individuo não chegue a occupar na sociedade o logar que lhe poderia corresponder; tudo quanto o prive de poder utilizar os dons com que a natureza o dotou; tudo quanto fôr sobrecarregal-o com deveres improprios á sua idade, á custa de seus direitos á vida, aos brinquedos, á saude e á sua educação, póde e deve ser considerado um acto de crueldade.

Por isso mesmo, é cruel aquelle que não faz o possivel para afastar da cabeça da criança a catastrophe a que a condemna o nascimento, em determinadas condições, contrarias á sua felicidade.

Apparentemente é a familia quem tem a responsabilidade de que a criança cresça no abandono, é ella quem a explora com crueldade incompreensivel.

O facto é evidente; mas só uma inconsciencia social deploravel póde fazer recair sobre ella todo o peso da culpa.

O legitimo direito á vida, o instincto de defeza e um obscuro affecto se confundem na perpetração destes actos sinistros, originados sem duvida pela mais angustiosa miseria.

O peso extenuante que supportam sobre seus hombros as figuras do grupo por nós descripto, não só abatem o corpo e maceram o rosto, sinão que tambem, ao mesmo tempo, atrophiam a intelligencia e a energia.

Os impulsos da dignidade e do proprio respeito são sopitados, e não é de extranhar que a criança, esse ser debil e incapaz, que representa mais um obstaculo que um consolo, seja repellida do triste e frio regaço, e seguro brutalmente como se segurassemos um caniço em que nos queremos apoiar, sem nos importarmos que quebre.

Essas crianças, que os paes não amparam ou que exploram, incapazes de se conduzirem por si ou de escapar á sua miseravel condição, têm um destino que, em noventa por cem, dos casos, qualquer um póde predizer; ellas dão a maior somma á *mortalidade infantil*, á *degenerescencia*, ao *pauperismo*, á *delinquencia*, os quatro grandes fantasmás das sociedades modernas; e em compensação, ellas dão a menor porcentagem de homens altivos, sãos, emprehendedores e moralizados, os quatro elementos vitaes do organismo social.

Em ultima analyse: as crianças, cuja educação é descurada pela familia, não prejudicam sómente, com sua sorte futura, o lar de que procedem, sinão a sociedade inteira, pois é ella quem

terá de soffrer um abaixamento em seu nivel moral, e um des-equilibrio em sua economia, sustentando amanhã aquelle que consome e não produz, porque habita o hospital, o carcere ou o asylo.

Eis ahí como a crueldade e o abandono, de delictos privados se transformaram em delictos publicos, como a culpabilidade passou dos hombros dos paes de familia, obrigados a commettel-os, sobrecarregando os da sociedade, que não quiz ou não soube prevenil-os.

Si ha campo onde a philantropia preventiva póde exercer-se na segurança de alcançar diarias victorias, é sem duvida a infancia; por isso, á medida que um paiz dedica maior somma de esforços em defender a vida, a educação e a felicidade da infancia, tem necessidade de construir menor numero de asylos para mendigos, e vê diminuir os algarismos da mortalidade e da demencia.

Na criança não ha que realizar a dupla tarefa de fazel-a abandonar habitos adquiridos para lhe inculcar outros; o problema se reduz a *educal-a para a vida normal e completa*, tarefa paternal que a sociedade não póde deixar de realizar sem ferirse a si mesma.

A educação para o trabalho philantropico

Ninguém se lembraria, certamente, de confiar a educação de uma criança a um individuo que por sua vez não tivesse sido educado, ou a regeneração de um criminoso a quem não possuisse condições da mais elevada moralidade.

Além disso, o pae exigiria que o mestre possuisse tambem competencia profissional que o habilitasse a poder formar o character do educando, e o director do estabelecimento precisaria que seus auxiliares tivessem as necessarias condições para emprehender o trabalho de regeneração dos individuos que lhe fossem confiados.

Pois bem; a sociedade toda está incumbida desses dois grandes encargos: — ella é mestra e regeneradora.

Cada cidade, cada povoado, cada bairro, são ao mesmo tempo uma escola e um centro regenerador, já que em todas existem individuos que devem ser dirigidos e outros sobre quem é necessario exercer a tutela.

E', pois, razoavel, e póde produzir resultados beneficos o exigir-se a essa sociedade, cuja acção deve ser definitiva, sómente as condições de educação e moralidade, sem exigir-lhe

tambem os meios necessarios para transmittir e diffundir esses mesmos beneficios?

O que um pae ou um director de penitenciaria não considerariam sufficiente para formar ou para regenerar um individuo, o acceitaremos nós, sem nos atrever mos a pedir mais nada quando se trata da educação e da redução de milhares de creaturas, cuja sorte futura vae depender da direcção que se lhes dér e da attenção que se lhes dispensar?

E' occasião de fazer sentir ainda mais uma vez o conceito erroneo que se fazia da caridade, que era o motivo desta falta de logica.

Continuamos a encarar a philantropia unicamente como um acto de generosidade daquelles que estão em plano superior para com os de plano inferior, admittindo-a como um encargo ou incommodo imposto aos bons.

Mas, como poderíamos, acceitando este facto, exigir coisa alguma daquelle que tudo dá por um movimento expontaneo e talvez inconsciente de sua alma?

Aventurar-se-ia alguem, sem attraír sobre si olhares attentos, a censurar um philantropo pela distribuição de seu dinheiro ou pelas obras de beneficencia a que elle se dedica?

Não obstante, si a caridade fôr considerada como um trabalho de educação, nenhum dos ramos da actividade humana carece mais de disciplina e direcção; demais, si a philantropia ha de ser uma obra collectiva e democratica, em vez de privilegio de alguns, urge formar o espirito publico como se forma o governo popular nas nações republicanas.

Pretender que a boa vontade resolva tudo, é obstinar-se em não sahir do estado primitivo, commum a todas as organizações sociaes, e que se caracteriza pelo predominio dos ensaios abandonando a razão e o methodo.

E' necessario reconhecer que das muitas pessoas que, em todo o mundo, dedicam parte de sua actividade e de sua fortuna em melhorar as condições de seus semelhantes, só um muito limitado numero se demorou um instante em pensar na importancia da empreza a que se dedicam.

Demais, admittindo que o trabalho philantropico é uma obra de cooperação social, pelo que não só lucra o favorecido sinão a sociedade toda, cujo nivel moral e material se eleva, é indubitavel que ninguém pode excusar-se de concorrer e participar della sem prejudicar os interesses geraes e os seus proprios interesses.

Ainda mais; ninguém tem direito de intervir na vida e na sorte dos outros, ainda que animado das melhores intenções, sem tornar-se por esse facto solidario com o porvir de toda uma raça.

Contra elle hão de voltar-se as futuras gerações, para accusa-lo pela sua falta de previsão, pela sua cegueira, e pelo pouco progresso realisado em relação á moral social.

A educação para o trabalho philantropico deve ser universal e intensiva, e para que assim se consiga é indispensavel inculcar na opinião publica os principios fundamentaes de seu exercicio.

A própria magnitude da empreza e sua influencia no futuro dos povos, impõe responsabilidades colossaes áquelles que a ella se consagram, para cujo desempenho é indispensavel dedicar ao problema toda a attenção que se concede a um assumpto de interesse vital para a sociedade.

O dia em que a humanidade se convencer de que fórma uma immensa cadeia, cuja estabilidade e firmeza periga quando se enfraquece um só de seus élos, terá por si mesma, e como que guiada pela força irresistivel do instincto, de meditar seriamente nos melhores meios de trabalhar para os outros.

Quererá então que se illustre sua razão, que se eduque sua sympathia que se fortifique e aumente sua tolerancia e se afine seu criterio.

E, como consequencia, sua fé ganhará azas, e sua confiança no porvir da acção philantropica bem inspirada não conhecerá limites.

A profissão do philantropo não é pois um *dilettantismo*, que possa exercer-se por mero passatempo ou por moda.

Abraçada como um sacerdocio, é, sem duvida, a tarefa mais nobre e elevada a que um ser humano possa dedicar-se; mas reduzida á méra funcção de *dar*, póde contribuir, até, para retardar o advento do progresso de um paiz.

Sem duvida que os primeiros elementos de um philantropo são a generosidade e o amor a seus semelhantes. Nisto não cabe discussão possivel; por esse movimento espontaneo ha de dirigir-se e illustrar-se para evitar os desacertos.

A philantropia, repetimos, está destinada a ser uma sciencia, e o seu exercicio objecto de estudo como a medicina, podendo ser definida como a *sciencia de praticar o amor do proximo*.

A'quelles que sorrirem ao lêr estas linhas, responderemos que, em alguns paizes, esse dia já não está muito longe.

Os Estados Unidos têm já *Escolas de philantropia*, destinadas a prepararar *profissionais e voluntarios* para o serviço social.

Seus cursos são frequentados por professores, alumnos das universidades e do seminario theologico, e por pessoas que praticam a philantropia na direcção de instituições de beneficencia.

Findos os cursos, o alumno se gradua na especialidade escolhida, e faz da philantropia um ministerio com obrigações e recompensas, semelhantes ás do professor sacerdote ou do medico.

Acaso se *aprende* a ser generoso ou abnegado?

Certamente que o estudante, ao iniciar o curso, leva grande parte de sua bagagem. Ninguém escolhe uma carreira em que os sacrificios ultrapassem as vantagens, sem sentir algum calor generoso em sua alma!

E isto, tanto póde dizer-se do philantropo como do professor.

O que esses cursos ensinam é tirar desse thesouro de abnegação o maior rendimento possivel; o que elles se propõem é illustrar o amor e guiar a sympathia para que sua acção não fracasse.

Os cursos theoreticos comprehendem o estudo das instituições philantropicas e sociaes, dos problemas do proletariado: o trabalho, a delinquencia, a immigração, a habitação, a hygiene.

Concede-se attenção especial ao modo de organizar instituições baseadas no esforço popular, como as caixas economicas, as cooperativas, as escolas maternas, as escolas profissionais. A acção da Igreja se considera sob todos os aspectos, e os problemas, relacionados com a educação do menino para a vida, se discutem amplamente.

O alumno destas escolas adquire um conhecimento completo dos elementos com que o paiz conta para a obra social, e sabendo tirar delles proveito.

Si os instrue nos requisitos que deve possuir aquelle que queira dedicar-se a melhorar as condições dos outros sem deprimi-los nem despertar más suspeitas.

Além das lições theoreticas, dadas em aula, se faz a pratica em estabelecimentos philantropicos, visitando os bairros pobres, carceres e escolas para degenerados.

Em resumo: a philantropia, a hygiene, o conhecimento das leis e da historia, consideradas em sua fórma pratica, constituem a base que do ensino estas escolas distribuem.

Nellas, aquelle que se sente feliz, fazendo algum bem pelos outros, educa seus naturaes sentimentos e os transforma na convicção de uma responsabilidade social, assim como, em uma escola normal, o jovem que sente inclinação para o ensino, aprende a ver em seu trabalho alguma coisa mais importante e transcendental que uma mera satisfacção de sua predilecção.

Um philantropo que sabe o porque de seus actos, tem, ás vezes, de reprimir com desgosto um impulso que lhe teria sido agradável, mas que poderia ter sido de resultados perniciosos para o individuo, objecto de seu impulso, do mesmo modo que um professor terá muitas vezes que reprimir seu desejo de empregar tal ou qual processo porque sabe que seus effectos posteriores serão contraproducentes.

Eis a vantagem destes individuos sobre aquelles que não educaram sua vocação e agem por impulsos, ás vezes cegos, e que tanto podem ser beneficos como desastrosos.

Educar uma vocação é dar-lhe ideaes, ampliando seu horizonte.

A vocação philantropica, que não se educa, nunca irá além das fronteiras do materialismo, acreditando ter cumprido sua missão, quando tiver dado de comer ao faminto ou de vestir ao andrajoso, como a vocação docente não educada se sentirá tranquilla quando tiver ensinado o alphabeto e os rudimentos de arithmetica.

Mas não esqueçamos que si ha vocação que mereça ser educada é a philantropia, porque de seu tronco nascem robustos todos os ramos do bem, que se carregam de optimos fructos, destinados á mesa onde se serve o alegre banquete da fraternidade humana.

* * *

Pallido demais será quanto dizer posso além desses elevadissimos conceitos que ahí foram desataviadamente reproduzidos.

No entanto, os horizontes indicados á acção dos mestres primarios são de tal grandiosidade, que, sinceramente, esquecendo a propria pequenez, somos levados a aconselhar que, ao ponderal os, alguma cousa de pratico seja desde logo iniciado por aquelles que se sentirem na necessidade de dar á sua individualidade os reflexos desta aureola que só os bons avistam, que só os abnegados alcançam.

As sras. professoras podem principalmente dar corpo a estes sentimentos que são felizmente o apanagio da maior parte de nossa sociedade.

Reunidas, ainda que em pequeno numero, as sras. professoras poderiam iniciar em cada cidade do Estado este trabalho grandioso e de resultados certamente admiraveis e altamente louvaveis.

Em breve conseguiriam ellas ver aggrupadas em torno de si as mais decididas vocações para a pratica do bem.

Livres de estreitos preconceitos, animadas da mais humana e elevada tolerancia, dedicar-se-iam esforçadamente para estabelecer, em torno das crianças necessitadas, mão bondosa, dando amparo e protecção, exercendo essa *philantropia preventiva* aconselhada e tão magistralmente descripta pela notavel escriptora Ernestina A. Lopes de Nelson.

Que não houvesse mais uma só criança sem ensino, mas antes disso que não houvesse uma só criança sem pão, sem abrigo, sem affagos.

Que a bondade sobrepuje todos os outros sentimentos!

Modestas associações locais poderiam estender mão protectora ás crianças necessitadas de auxilio pelas fortuitas vicissitudes a que infelizmente algumas ficam sujeitas.

Não ha que duvidar. Onde houver uma criança na miseria e no abandono poderemos vir a encontrar mais tarde um inimigo da sociedade.

Bem pouco é esforçar-se em melhorar os bons; o importante, o meritorio, o que garante o progresso e estabilidade da sociedade, é evitar que existam os maus, e que esses infelizes venham a se-lo pela incuria, pelo abandono, pelo egoismo, pela injustiça da propria sociedade.

Para praticar verdadeiramente o bem, não basta dar.

Preparar que as *dadivas* sejam bem encaminhadas, uteis aos mais necessitados, aos mais fracos, aquelles que mais precisam de quem os guie e socorra, ás crianças, em summ; eis a mais meritoria e previdente pratica do bem de que alguém possa orgulhar-se.

Seja o bem estar e a alegria da criança uma preocupação constante e sincera.

Que vejamos sem cessar confirmados em toda a parte os bellos versos de Hugo:

O vous, que votre age defend,
Riez! tout vous caresse encore.
Jouez! chantez! soyez l'enfant!
Soyez la fleur! Soyez l'aurore!

A Infancia é o que a Humanidade tem de mais delicado e puro.

A' Infancia todo o nosso carinho, toda a nossa dedicação.

R. Roca.

Nos arraiaes do ensino

Marcaram época nos annaes literarios de nossa terra as famosas conferencias, realizadas por uma pleiade de estrangeiros illustres, que, solicitados pela diplomacia indigena, vieram por bom preço acabar de fazer ao mundo europeu a revelação geographica do nosso paiz.

Ao cabo, porem, dessa propaganda, sem duvida faustosa e brilhante, restou, apenas, aos nossos patricios bem avisados a convicção de que semelhante processo de divulgação das nossas coisas era sobremaneira caro e, mais ainda... anodino!

Os homens de S. Paulo, entretanto, acostumados a joeirar as coisas, viram na pretendida corrente de approximação intellectual dos latinos o lado util, aquelle que, pela praticidade, pudesse trazer aperfeiçoamento e melhorias á nossa organização administrativa e, partindo desse principio, procuraram contractar na Europa scientists, profissionaes e especialistas, que viessem estabelecer aqui cursos das suas especialidades, com a frequencia dos quaes lucrassem os servidores do Estado e concomitantemente os serviços da administração publica.

Veiu primeiro o Dr. Reiss.

A's prelecções do eminente scientista francez accorreram muitos estudiosos, que fizeram aprendizado das coisas que se referem á policia moderna e á segurança publica em geral.

A feliz iniciativa dos governantes estendeu-se tambem á instrucção primaria, que tem já em S. Paulo uma organização regular, sufficientemente apta a preencher os superiores fins a que se destina.

Essa organização póde, porém, ser modelar, e para attingir esse *desideratum* nenhum governo paulista tem poupado sacrificios.

Assim sendo, tivemos tambem para a instrucção primaria um doutrinador de festejada celebridade: veiu de Módena o eminente pedagogista Dr. Hugo Pizzoli.

O preclaro mestre italiano instituiu na capital um curso de pedagogia e psychologia, que foi frequentado por muitas dezenas de professores, por aquelles que, pela natureza dos cargos, que

exercem no magisterio official, pudessem diffundir depois os conhecimentos adquiridos nas aulas do mestre illustre.

Visitando estabelecimentos de ensino na capital, o Dr. Pizzoli constatou os nossos progressos em materia pedagogica e não regateou encomios ás aptidões do professorado paulista. Ao grande professor italiano foi uma surpresa o muito que temos conseguido sósinhos com a processuação do methodo analytic.

De bem definido optimismo foi, pois, o juizo do provector pedagogista latino ácerca do nosso apparelho escolar. Esse facto não eximiu, entretanto, o Dr. Pizzoli de traçar a orientação que nos cumpre seguir para maior aperfeiçoamento do que temos feito, — Outros mestres virão, além do que ora nos visita.

O Dr. Chahot chegou a pisar terras paulistas, mas a calamidade da guerra fel-o voltar presto ao seu paiz.

Venham, porém, quantos vierem, sr. redactor, e os ensinamentos que trouxerem jámais aproveitarão de um modo efficiente e positivo á multidão de collegas que não puder ouvir-os. Assim sendo, porque os professores que assistiram ás lições do dr. Pizzoli, e que vão certamente assistir á de outros mestres, não estabelecem nos centros escolares, onde residem e exercem as suas funcções, outros tantos cursos que aproveitassem aos professores que não puderam fazer-lhes companhia no amphitheatro da Escola Normal?

Acreditamos que essa medida completaria efficazmente os intuitos do governo estadual. Supponho-a exequivel e, lembrando-a, pensamos servir como sabemos e podemos aos viciaes interesses da nobre classe do professorado, que tem necessidade de se impôr em toda parte como factor de educação e de cultura.

Si para tanto nos sobrasse autoridade, — dariamos a palavra aos discipulos do inclito doutrinador de Módena...

A. DE CARVALHO ROSAS.

A escola no carcere

«Abrir escolas é fechar as portas do carcere.»

JOSÉ VERISSIMO.

Cesar Lombroso classificou os delinquentes em duas categorias: — delinquentes natos e delinquentes de ocasião.

E' difficilimo obter-se dos primeiros uma regeneração completa, mas não é impossivel, com uma educação apropriada, e com o auxilio da poderosa influencia do meio, não só moral como physico.

Com respeito aos segundos, muito mais facil é conseguir-se uma regeneração proveitosa, integra, porque esses infelizes são impellidos á pratica do crime pelo odio, pela colera, pela dor, pela miseria, pela ignorancia, etc.

Quantos desses desgraçados não voltam para o carcere? E porque commetteram elles novos crimes, novas culpas?

Porque da primeira vez em que lá estiveram não tiveram um carinho, um bom conselho, uma instrucçõesinha, ainda que rudimentar; não tiveram, emfim, nada de moral que lhes fizesse entrever um futuro melhor. Foram atirados ao fundo do carcere e desprezados quaes monstros, abandonados a sós com a sua desgraça, com a sua dor.

Não possuindo os miseros nada que lhes distraia o espirito, involuntariamente hão de pensar sempre na falta commettida, e não tendo conhecimentos moraes nem intellectuaes para se arrependerem, eis que desprezam a sociedade causadora do seu infortunio, e, conseguintemente, tornam-se misanthropos, scepticos.

Mas quem não conhece o famoso processo do colono Longaretti, que se tornou assassino para defender seu inermes velho progenitor?

Foi um rasgo de amor filial, digno de louvor. E, no entanto, Longaretti foi condemnado a doze annos de prisão pelo jury de Rio Claro!

Eis, porém, que o sabio dr. Luiz Pereira Barreto levanta a sua imperiosa voz em prol do colono desgraçado e consegue a revisão do processo (revisão que, aliás, só foi conseguida após Longaretti haver descontado metade da pena.)

Pois, Longaretti instruiu-se no carcere, e de lá saiu até com mais nobres, mais alcandorados ideaes. Isto porque, pessoas que por elle se interessavam, lhe forneciam livros bons, jornaes, etc.

Dolorosamente reconhecemos que esse caso é uma excepção; mas a excepção poderia transformar-se em regra, uma vez que houvesse escola no carcere.

E não poderia muito, muito fazer o professorado publico em prol dessas ovelhas desgarradas, com pouco trabalho?

Por exemplo, cada professor se obrigaria a leccionar uma hora por dia na cadeia publica da localidade em que morasse.

Para uma causa tão nobre, o que é um sacrificiozinho de uma hora por dia? Perde-se tanto tempo em frivolidades!

E si esta iniciativa partisse do magisterio paulista, não seria mais um louro colhido pelo Estado que já tanto renome possui?

ROMULO PERO

(Professorando pela Normal Secundaria de S. Paulo)

PEDAGOGIA PRACTICA

Ensino de sciencias naturaes

O artigo, que vai abaixo publicado, da lavra de nossa distincta collega, D. Cora Avila da Veiga, é um resumo de leituras feitas sobre o ensino de sciencias naturaes, em livros e revistas, dos quaes, confessa, extrahiu, ás vezes, periodos inteiros.

Ella o traçou para leituras nas *Palestras pedagogicas*, do grupo de Cruzeiro, e sómente o publica a instancias do digno inspector daquella zona.

Damos-lhe inserção nas paginas da nossa *Revista*, porque elle resulta de um trabalho merecedor de encomios.

O ensino das sciencias naturaes, como o de quaesquer outras disciplinas, deve ser o mais racional, isto é, baseado o mais possivel nas leis da razão, da psychologia e da logica.

O ensino racional, hoje, é todo fundado nos processos intuitivos, que se dirigem ao espirito e ao coração, por meio dos sentidos, mórmente da vista, cujo dominio é mais extenso e as percepções mais numerosas.

Um celebre educador cita a estrophe seguinte, que nos dá perfeita idéia da importancia do sentido da vista para a educação :

Sons que o ouvido acolheu, de presto se esvaecem ;
Mas o que o olhar fiel á mente nos conduz,
Cala n'alma impressões, que raro nos esquecem,
Incutidas alli, pelo raiair da luz.

Tambem Comenius, o illustre pedagogo austriaco dizia :
O que effectivamente se vê, mais depressa se imprime na memoria, do que verbalmente expendido ou ennumerado cem vezes.

E Pestalozzi nos ensina que a observação é absolutamente a base de todo o conhecimento.

O que antes de tudo, pois, se deve ter em mira, na educação da infancia, é habitual-a a *observar*.

As crianças têm um vivo prazer em observar a natureza ; têm uma propensão constante para pedir noções a respeito dos objectos que as cercam. E é esta tendencia infantil, tão preciosa para o educador, que deve ser *aproveitada, cultivada e desenvolvida*, de modo que o *observar* seja para a criança um habito. Sem esse habito, diz um eminente compatriota, a natureza é um livro cerrado ; as variedades da vida animal e vegetal parecem um confuso amálgama ; os astros não nos narram asembros nem delimitam as estações. Devemos tomar pois, por norma, no educar, o estudo, primeiro, dos objectos, afim de desenvolver esse habito.

O ensino das sciencias physicas, tanto ou mais do que o das outras disciplinas, deve ter, por esse meio, um caracter essencialmente pratico, e portanto, instrumental.

Uma das primeiras noções que se costuma dar ás crianças sobre sciencias physicas é o ensino das cores e o das qualidades dos corpos. Ora, como poderá o alumno aprender as cores, sem vê-las, comparal-as, distinguil as ? Como poderá conhecer si um corpo é aspero ou liso, pegajoso ou escorregadio, fragil ou resistente, sem *ver, pegar, comparar*, emfim, sem *observar* ?

A respeito do estudo dos animaes e das plantas, estamos já plenamente convencidos de que o melhor processo a adoptar é o da *observação directa* dos corpos e dos phenomenos.

Afirmamos igualmente que o estudo das sciencias physicas deve obedecer ao mesmo plano.

A sciencia em pleno ar, em pleno campo, em plena luz, é o que devemos ensinar primeiro. Devemos mostrar ás crianças, como se pôde, no campo, occupar, e até encantar os nossos sentidos, já observando a natureza, capturando insectos, animaes aquaticos, etc., já observando a atmospheria em seus surpreendentes phenomenos.

Podemos mostrar os phenomenos physicos, mesmo sem aparelhos ; por exemplo, os do peso, do calor, da optica, da electricidade, etc, por meio de simples copos, garrafas, bastões de madeira e de ferro, pratos, e outros tantos objectos que achamos sempre á mão. Experiencias chemicas fazem-se tambem por meio de frascos, com productos de pequeno preço.

Bernardo Palissy dizia outrora que elle não queria ter outro livro que não fossem o céu e a terra ; e que é dado a todos conhecer este bello livro.

E' com effeito, pelo estudo do mundo material, que se tem feito as grandes descobertas.

Si um observador attento segue um raio luminoso, quando penetra na agua, vel-o-á desviar-se da linha recta, pela refração. Si procura a origem de um som, verá que elle resulta de um choque ou de uma vibração.

Sabe-se que Newton descobriu as leis da gravitação universal, reparando em uma maçã que cahia do galho; e que os Montgolfier pensaram nos aerostates vendo os nevoeiros se elevarem na atmosphera.

Póde-se pois, afirmar que as lições de sciencias naturaes, assim estudadas, dão muito mais prazer e successo, do que aquellas que se ensinam entre as quatro paredes de uma sala.

Além disso, reunir o util ao agradável, isto é, aproveitar o gosto dos alumnos para dar lhes conhecimentos sem cançar-lhes o espirito, é o fim principal da pedagogia moderna.

O fito principal do mestre, tambem, ao ensinar, não deve ser o de transmittir os conhecimentos ao alumno; mas sim, o de desenvolver-lhe o habito de *observar*.

Isto está de perfeito accordo com o seguinte aphorismo de Pestalozzi: « Nunca se deve ensinar a uma creança, aquillo que ella puder *descobrir* por si. »

Assim, ao encetarmos uma lição sobre as diferenças de estado dos corpos, por exemplo, devemos *levar o alumno a descobrir por si* as propriedades do liquido, mostrando a agua dentro de um copo, depois, espalhada numa superficie plana, depois, correndo de dentro do copo, si o viramos, ou ainda, pingando em gottas de dentro de um vidro, que tenha rolha apropriada a esse fim.

Fazendo ainda, que elle *descubra comparando*, que o mesmo não succede ao corpo gazoso, nem ao solido.

Que elle, por si, venha a notar a difficuldade em pegar um corpo liquido, e mais ainda, um gazoso, ao passo que poderá pegar o solido, mesmo com as pontas dos dedos.

Seguindo o mesmo plano, em se tratando do estudo dos animaes, não devemos nunca *contar-lhes* as diferenças e semelhanças entre as diversas especies, mas sim, pedir-lhes que *descubram por si*, essas diferenças e semelhanças, sem preocupação alguma de classificação ou nomenclatura.

Devemos proporcionar-lhes, tanto quanto possivel, o ensejo de *verificar* as diversas phases por que passa um animal ou uma planta, como por exemplo, a metamorphose de um insecto ou de um batracchio, as differentes phases em que se acha um pintainho, desde o principio de sua incubação, ou uma semente desde que começa a germinar.

O ensino desta disciplina deve basear-se na acção pessoal das crianças, si quizermos que o resultado corresponda aos

nossos esforços, e assim se desperta e cultiva as forças intellectuaes do alumno.

O verdadeiro conhecimento, a creança só o adquire pelo seu trabalho individual.

O processo, por conseguinte, deve visar, principalmente, que: não se pretende crear sabios, mas sim, desenvolver a justa relação entre a intelligencia e os seus instrumentos organicos.

Deve o professor dialogar com as crianças, não para perguntar lhes o que sabem a respeito do assumpto, ou o que não sabem. Pois no 1.º caso, seria o dialogo inutil, e no 2.º, ridiculo. Nem deve começar fazendo uma longa dissertação sobre o assumpto, pois que, neste caso, os alumnos cançariam cedo e ficariam finalmente desattentos.

As perguntas devem ser feitas com habilidade tal que, conservando a attenção viva e o interesse da criança, se induza sempre a *descobrir* o que se deseja que ella fique conhecendo. Tal será o melhor processo.

Todo o ensino deve ser, além de intuitivo, utilitario, preparando o alumno para o meio em que elle tem de agir e exercer a sua actividade, aproveitando o que estudou e concorrendo para o progresso do seu meio.

Pouco importa que ao alumno se explique de que fórma se compõe a luz solar, por exemplo, si elle não sabe qual a illuminação adoptada em sua cidade, qual a melhor luz, a que custa mais caro, substancias que se podem obter do paiz, quaes as que recebemos do estrangeiro.

Que a agua é formada de oxygeno e hydrogeno não é conhecimento mais necessario ao alumno de uma escola primaria.

O que o alumno precisa primeiro saber é si a agua do rio ou ribeirão que corre alli perto é potavel ou não, si o poderia ser, quaes os perigos a que se expõe quem a beber, desde que não seja boa; qual a agua potavel usada na localidade, si não ha outra melhor ou mais proxima, porque della não se utiliza, etc..

Nas lições de coisas, quaes os productos da zona, suas industrias, seu commercio. Artigos importados e exportados, mercados, industria local, materia prima empregada, industrias a explorar em face das necessidades de consumo, preços de alguns artefactos e discriminação da materia existente, si é explorada ou não.

Assim, o estudo terá dupla vantagem. — Além de utilitario, será attraente: que é a condição essencial para se conservar a attenção viva e constante da criança.

LITERATURA INFANTIL

PEDRINHO

Pedrinho era um menino já crescido, robusto, agil como um gato, terrível, um verdadeiro moleque.

A gymnastica de que mais gostava era atirar pedras. Era exímio nesse exercício: cães, gatos, aves e até outras crianças eram alvos dessa sua brutalidade.

Outras vezes, eram os coitados dos animaes machucados e até mortos por esse máu menino, por meio de instrumentos que elle mesmo pacientemente fazia só para isso: stilingues e bодоques, que atiravam longe duras pelotas de barro.

Suas victimas predilectas eram os passaros. Sim, os meigos passaros, tão innocentes quão encantadores, cuja immensa utilidade, destruindo myriades de insectos nocivos, elle infelizmente desconhecia, porque seus paes, ignorantes e rudes, não lh'o ensinaram e, que horror! nem sequer o matricularam numa escola, deixando-o crescer, como os animaes ou como os indigenas, na maior ignorancia!

Assim, vadio e peralta, elle ia, em plena ociosidade, semeando a maldade, e não era de todo culpado de tudo isso.

Quando as meigas e mansas avezitas não eram mortas pelas crueis pelotadas do Pedrinho, eram por elle aprisionadas em urapucas, mundéos, viscos e laços e iam muitas vezes carpir duro e injusto captiveiro até morrer...

E os ninhos? Ah! os ninhos, com todo o cuidado feitos, onde as ternas avezitas cuidam amorosamente de sua ninhada, eram por elle arrancados, quebrados os ovos — feia acção que este Attila das aves não vacilava em praticar.

Um dia Pedrinho viu numa goiabeira, um ninho de tico-tico e, conforme seu costume, foi logo rouba-lo. Subiu, rapidamente, á arvore e, ao chegar ao ramo, viu que no ninho existiam tres tico-ticos recém-nascidos.

Apossou-se de tudo, mas, aos tristes pipilos dos passarinhos, acudiu depressa o tico-tico femea, que talvez se tivesse

ausentado por um instante á cata de alimentos para sua próle adorada.

E o menino poude, então, observar uma scena commovente, sublime: o misero passarinho, desesperado, a piar sem cessar, a esvoaçar, acompanhava-os e, insignificante pigmeu, parecia querer lutar com elle—um gigante!

Pobre mãe! Imaginem com que dôr, com que inenarravel afflicção via roubarem-lhe os filhinhos!...

Pedrinho teve um movimento de instinctiva bondade: eil-o que volta, colloca no seu logar o ninho e, satisfeito, vê a avezinha que se precipita para junto dos filhótes, como que preza de indizível satisfação e felicidade.

Tambem nunca mais destruiu os ninhos dos passarinhos.

ERNESTINO LOPES.

Desamparados

No mundo ha tantas creanças
Morrendo, á mingua de abrigo!
Mas essas alminhas mansas,
Tecidas de ouro e esperanças,
Valem cofres de ouro antigo!...
Morrendo, á mingua de abrigo,
No mundo ha tantas creanças!

Dae aos pobres sem asylo,
O' vós que gastaes e sobra!
Dae de coração tranquillo
Porque, para Deus, aquillo
Que fazeis é boa obra...
Tudo o que nas mãos vos sobra,
Dae aos pobres sem asylo!

E reparae, bons meninos,
Que as acções se recompensam...
E, assim, em vossos destinos,
Cairão presentes finos,
Como purissima bençãam...
As acções se recompensam,
Tomae nota, ó bons meninos!

E, depois, lá nos refolhos
Do peito, as almas piedosas
Sentirão, aos proprios olhos,
Que é facil fazer de escolhos,
Como por encanto, rosas...
E' o que vêm almas piedosas
Do peito, lá nos refolhos!

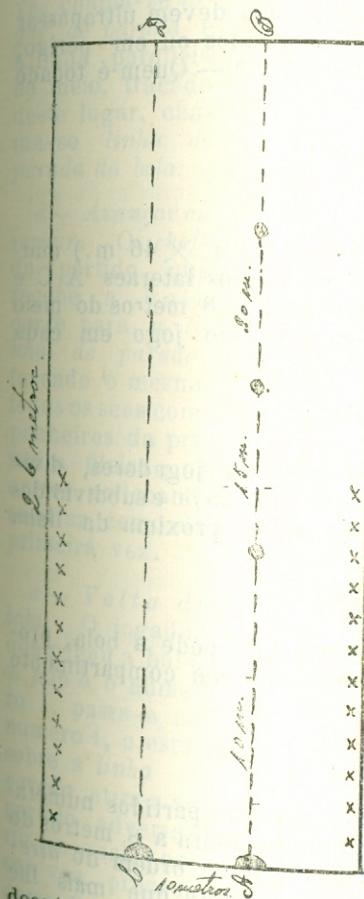
ANTONIO PEIXOTO.

JOGOS GYMNASTICOS

(Conclusão)

VI As tres pedras

Em um espaço rectangular (26 m. \times 10 m.), collocam-se, sobre a linha A B, tres pedras pequenas, que fiquem a 10, 15 e 20 metros distantes do ponto A, respectivamente.



Os jogadores são numerados e divididos em dois partidos que se collocam ao longo dos lados maiores do campo.

A sorte decide qual dos dois partidos deve caçar as pedras e qual deve correr sobre a linha C. D.

A' voz : A postos, o numero um do partido que ha de correr sobre C D vae no ponto C e o numero um do outro partido no ponto A.

O primeiro, tem de percorrer a linha C D e vice-versa, duas vezes (104 metros), enquanto o segundo no mesmo tempo vae buscar a primeira pedra e deposita-a em A, e faz o mesmo com a segunda e terceira, percorrendo uma extensão de 90 metros. Ao mando do director começa a corrida e quem chega primeiro ao ponto de partida, nas condições acima estabelecidas, ganha um ponto para o seu partido.

Faz-se o mesmo, depois, com o numero dois, e assim por diante, até que todos tenham corrido. Vence o partido que consegue mais pontos.

VII A dobadura

O *Cabeça* está no centro de um quadrado pequeno, feito no meio do campo; os outros dispõem-se, em círculo, ao redor delle, ligados pelas mãos, e, ao signal de um, giram com movimento circular saltando sobre as pontas dos pés, com a maior velocidade.

O giro continua enquanto o *Cabeça* não pronuncia o nome de um dos que formam o círculo; dito este nome todos largam as mãos dos companheiros e fogem perseguidos por aquelle cujo nome foi pronunciado.

Observações: 1.^a — Os perseguidos não devem ultrapassar os limites assignalados e quando estão cansados ou em perigo, podem pôr-se a salvo no meio do campo. 2.^a — Quem é tocado serve de *Cabeça* na proxima fuga.

VIII O degredo

O CAMPO

Sobre o campo rectangular do jogo (15 m. \times 46 m.) marcam-se bem os confins extremos A B e C D, os lateraes A C e B D e as duas linhas G H e I L, traçados a 8 metros do meio E F, as quaes indicam o logar do começo do jogo em cada partida.

OS JOGADORES

Podem tomar parte na lucta cerca de 24 jogadores, divididos em 2 partidos eguaes, guiados por um *chefe* e subdivididos em 3 fileiras; a primeira é a que fica mais proxima da linha do meio.

FIM DO JOGO

Cada partido, atirando o mais longe que póde a bola, procura fazer recuar o inimigo e desalojal-o do seu compartimento pelo fundo campo.

ANDAMENTO DO JOGO

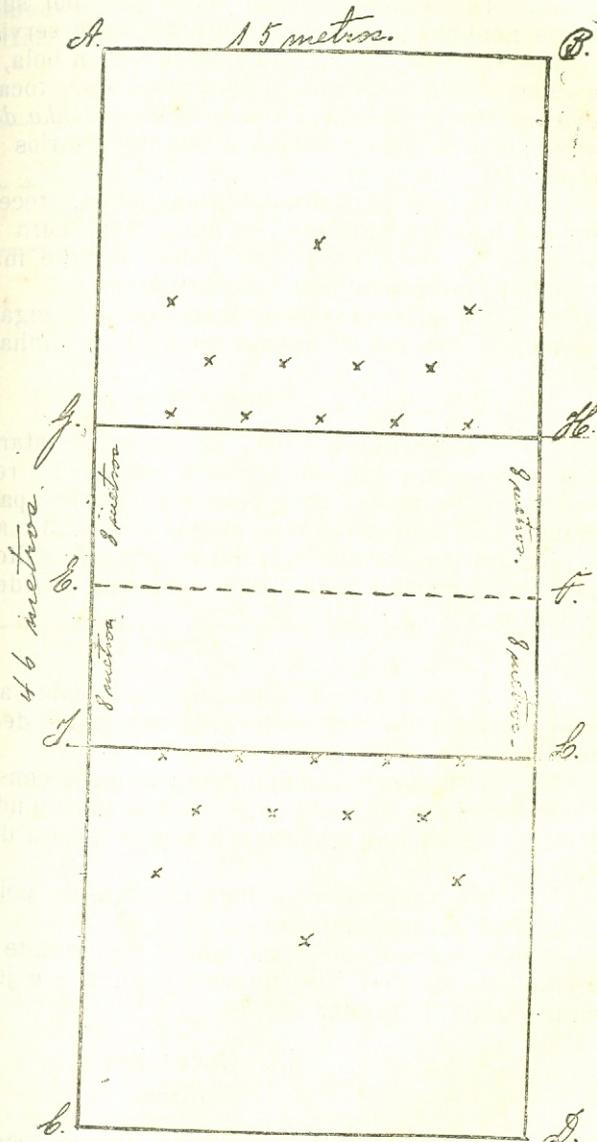
a — *Arremessar a bola.* Dispostos os dois partidos numerados, um defronte do outro, com a primeira fileira a 8 metros do meio, o *chefe* do partido, indicado pela sorte, á ordem do *director*: Começai! parado, atira a bola de maneira que mais lhe agrade e o mais distante que puder, contra o partido contrario, o qual, depois do primeiro salto, procura immediatamente agarrar-a.

b — *Agarrar a bola.* A bola é pegada no salto pelo que a tem mais perto; mas si este não consegue apanhal-a, poderão todos perseguil-a e prendel-a o mais depressa possível.

c — *Parada da bola.* O ponto em que a bola foi apanhada no salto ou enquanto rodava, chama-se *lugar de parada* e a linha parallela ao meio, traçada deste lugar, chama-se *linha de parada da bola.*

d — *Avançar ou recuar.* O *chefe* do partido que recebe a bola corre para a *linha de parada*, fazendo o mesmo todos os seus companheiros da primeira fileira; os outros collocam-se atraz, como da primeira vez.

e — *Volta da bola.* O jogador que pegou a bola, si não é o numero 1, passa-a ao numero 1, e este, sobre a *linha de parada*, atira-a ao partido adversario, o qual, por sua vez, procede como ficou explicado nas letras b e d, e atira novamente para a *linha de parada.*



CONTINUAÇÃO DO JOGO

a — Todos os jogadores, cada um por sua vez, atiram a bola e nenhum póde ser substituído neste serviço.

b — O chefe do partido que recebe a bola, tem a obrigação de chamar, em alta voz, o numero a que toca atira-la, o qual deve ser dos primeiros a correr para a *linha de parada*, afim de poder tomar a bola e lançal-a aos adversarios com a maxima promptidão.

c — Os dois partidos, alternadamente, recebem e atiram a bola da maneira indicada, e cada um procura lançal-a o mais distante que póde, para fazer recuar sempre mais os adversarios e ganhar terreno no seu compartimento.

d — No avançar e retroceder todos os jogadores vão sempre correndo e procuram, quanto possível, o alinhamento ordinario.

ERROS E PUNIÇÕES

São considerados erros : 1.º tocar voluntariamente na bola antes que tenha dado o primeiro salto ; 2.º retel-a com os pés e não com as mãos ; ás moças é permitido paral-a com os pés, quando está correndo, mas no salto não ; 3.º atiral-a rodando ; 4.º jogal-a de maneira que dê o primeiro salto fóra dos limites lateraes do campo ; e 5.º não observar a ordem da numeração no atirar a bola.

VICTORIA

a — O partido que consegue fazer cahir a bola fóra do limite posterior do compartimento inimigo, é declarado vencedor do jogo.

b — Um determinado numero de jogos constitue uma partida.

c — Depois de cada jogo, os partidos mudam de compartimentos e o partido rechassado tem o direito de começar a nova porfia.

d — Ao renovar-se o jogo começa-se pelo numero a que competia na lucta anterior.

Nota — Para este jogo, que é de grande effeito, pode ser usada bola de *foot-ball* numero 1 ou 2 e o jogo póde ser feito num tempo determinado.

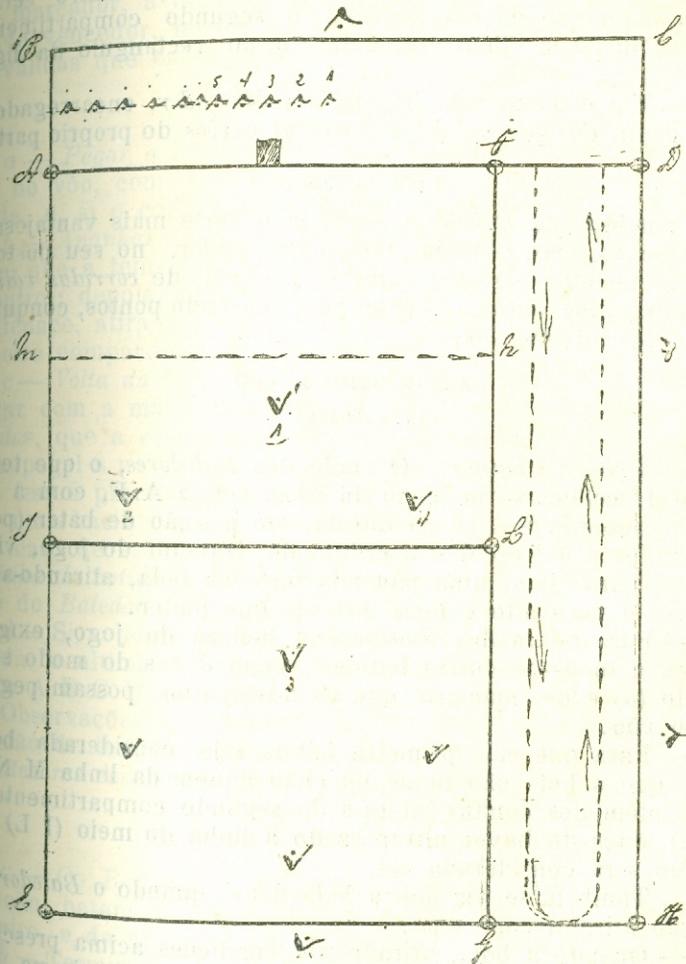
IX Caça allemã

O CAMPO

a — O compartimento do campo para este jogo é proporcional á habilidade dos jogadores, isto é, é preciso que os confins externos do rectangulo estejam a uma distancia tal que o

melhor jogador da fileira — Batedores, possa, de um delles, ultrapassar o outro com a bola batida vigorosamente.

b — Compartimentos. A área do jogo é dividida em 3 compartimentos : o primeiro A B C D é o compartimento dos Ba-



tadores ; o segundo A E F G é o dos Caçadores ; e o terceiro D F G H dos Corredores e chama-se estádio.

c — A linha A D chama-se *linha de batida* ; I L é a *linha do meio* ; M N linha dos erros ; G H refugio ; E G linha dos voos.

OS JOGADORES

a — Os jogadores, de 16 a 50, são divididos em 2 partidos contrários, guiados, cada um, por um *chefe*.

b — O partido favorecido pela sorte constituirá o dos *Batedores* e ocupará o primeiro compartimento; o outro será o dos *Caçadores* que deverá ocupar o segundo compartimento; ambos se dispõem como está indicado no rectângulo da figura acima.

c — Em cada partido haverá um *Marcador*, encarregado de tomar conta dos *pontos*, *jogos*, *corridas* e *vãos* do proprio partido.

FIM DO JOGO

O partido dos *Batedores* que tem a parte mais vantajosa no jogo, procura ficar, o maior tempo que puder, no seu posto de honra e executar o maior numero possível de *corridas válidas*, enquanto o dos *Caçadores* se propõe, vencendo pontos, conquistar o lugar dos adversarios.

ANDAMENTO DO JOGO

1.º Ataque

a — *Primeira batida* O chefe dos *Batedores*, o que tem o numero 1, colloca-se no meio da *linha batida* A F, com a bola na mão esquerda e a *pá* na direita, em posição de bater (perna esquerda para a frente) e a ordem do Director do jogo, vibra, de baixo para cima, uma pancada forte na bola, atirando-a aos *Caçadores* o mais alto e mais distante que puder.

b — Para honra dos *Batedores* e belleza do jogo, exige-se que esta e todas as outras batidas sejam dadas do modo supra indicado (*a*) e de maneira que os adversarios possam pegar a bola no vôo.

c — Para que esta primeira batida seja considerada *bôa* é preciso que a bola não toque no chão aquem da linha M N, ou não vá além dos confins latera-s do segundo compartimento (A E F G) antes de haver ultrapassado a linha do meio (I L); do contrario será considerada *má*.

d — Tambem se diz que a bola é *má*, quando o *Batedor* não consegue atiral-a com a *pá*.

e — Quando a bola, atirada nas condições acima prescripta (*a*), atravessa a linha do fundo E G, a bolada se chama *vão*.

f — *Corredores*. Depois de haver dado a primeira batida (*bôa*) adquire o numero 1 o titulo de *Corredor* e perde o de *Batedor*, devendo passar immediatamente a *pá* ao numero 2 e collocar-se sobre a linha D F para executar uma corrida no compartimento D F G H.

g — Com esta corrida, o *Corredor*, da maneira que será indicada (4), deve ir até á linha de refugio G H, tocal-a e voltar, quando entender, sobre a linha de partida D F, sem ser apanhado pela bola que os adversarios lhe atiram contra; si consegue isto, a sua corrida é declarada válida, e será registada pelo marcador, a favor do seu partido, o qual, para ser considerado vencedor, no fim do jogo, deverá apresentar mais corridas válidas que os adversarios.

2.º Defesa

a — *Pegar a bola no vôo*. Os *Caçadores* procuram pegar a bola no vôo, com uma ou duas mãos, conforme combinação prévia, e, si o conseguem, *ganham um ponto*.

b — *Apanhar ou receber a bola*. E si não conseguem, o *Caçador*, que a tem mais á mão, apanha-a no salto ou recebe-a de outro; depois, observando se ha no estádio algum *Corredor* ao alcance, atira-lh'a contra; si não, volta-a aos *Batedores* no primeiro compartimento.

c — *Volta da bola*. Quando se dá a volta da bola, esta deve chegar com a maior celeridade e pelo caminho mais curto ao *Batedor*, que a espera sobre a *linha de batida*, de modo que elle possa pegal-a no vôo ou no salto, sem a minima perda de tempo. Para isso é preciso lançal-a de sobre as mãos, isto é, como se joga uma bacia dagua, e não atiral-a com punhada ou palmada; e no caso de estar o jogador, que a deve voltar, muito distante da *linha de batida*, é conveniente atiral-a ao jogador mais proximo do *Batedor*.

d — Si a bola cáe, na volta, muito distante da linha de partida, o ultimo dos *Caçadores*, collocado atraz do compartimento A B C D, apanha-a e atira-a ao *Batedor* de serviço.

Observações. O *Batedor*, que tem em mão a *pá*, e espera a occasião de bater a bola, está de serviço; os outros se dizem — *Batedores em repouso*.

3.º Continuação do jogo

a — Os *Batedores*, um depois do outro e na ordem da numeração, batem a bola e correm sobre o estádio, como fez o primeiro, e de accôrdo com as normas estabelecidas.

b — Terminada a corrida no estádio, volta o *Corredor* para o seu compartimento, com o primitivo titulo de *Batedor*, readquirido pela corrida válida executada, e vai collocar-se á direita do ultimo de seus companheiros, á espera de novo serviço, que será prestado não na ordem da primeira numeração, mas na ordem da volta do estádio.

c — Apenas, porém, tenham os *Caçadores* ganho um certo numero de pontos, préviamente determinado, perdem os *Batedores* o seu lugar, e trocam de compartimentos e obrigações os dois partidos.

4.º A corrida no estádio

a — O *Corredor* póde começar ou continuar a corrida no estádio, depois de uma bola *bôa*, batida por elle mesmo ou por um do seu partido.

b — A corrida não é válida, depois de uma bola *má* e o *Corredor* deve voltar ao ponto em que começou a correr.

c — Enquanto a bola está nas mãos dos *Caçadores*, os *Corredores* podem correr; mas assim que ella chegar nas dos *Batedores* ou ao seu compartimento, a corrida deve ser immediatamente interrompida.

d — O *Corredor* que começou a corrida e prevê não poder continual-a, sem ser attingido pela bola, pode tornar atraz e esperar occasião mais propicia para recomeçá-la.

e — Durante a corrida, é permittido qualquer movimento para desviar da bola, mas é prohibido ultrapassar os limites lateraes do campo.

f — O *Corredor*, que ultrapassar taes limites, deve recomeçar a corrida.

g — Aquelle em quem foi arremessada a bola e não foi attingido, ou foi tocado por ella quando saltava, pode voltar logo para o seu compartimento, sem percorrer todo o estádio e mandar marcar a sua corrida válida.

h — Os *Corredores* ficam livres dos adversarios na linha GH, sómente.

i — A corrida no estádio póde ser feita por varios *corredores* ao mesmo tempo.

5.º Ataque aos corredores

a — O *Caçador* que pegar ou receber a bola, enviada pelos adversarios, deve immediatamente atirar-a contra um *Corredor*, ou passal-a a um de seus companheiros ou fazel-a voltar aos *Batedores*, conforme lhe parecer mais opportuno para interesse da partida.

b — Atira-a contra o *Corredor* si ha probabilidade de attingil-o, observando o que ficou explicado no numero 4 g; passal-a a outro companheiro si o considera em posição mais favoravel para attingir o *Corredor* fugitivo; manda-a de novo aos adversarios si no estádio não ha nenhum inimigo em condições de ser alvejado.

c — Não é permittido demorar-se com a bola na mão e é prohibido tambem aos *Caçadores* sahirem de seus logares para atiral-a aos *Corredores*; si isto se verificasse não seria válida a bolada para ganho de ponto.

d — A bola deve ser atirada como se atira uma pedra; de outra forma não será válida a bolada.

e — Enquanto os *Corredores* não chegam á linha de refugio G H, podem ser sempre alvejados pelos *Caçadores*.

f — A bolada não será válida, si a bola não chega directamente contra o *Corredor*.

g — Um *Corredor*, não attingido por um adversario, pode ser immediatamente attingido por outro.

h — O *Caçador*, que consegue attingir um adversario, conforme as regras estababelecidas, ganha um ponto para o seu partido.

VICTORIA

a — Os *Caçadores* ganham um ponto:

1.º Si pegam a bola no vôo.

2.º Si attingem um *Corredor* do modo indicado.

3.º Si um *Batedor* dá uma bolada *má*.

4.º Si, no bater a bola, não acerta a pancada.

5.º Si atira por terra a *pá* ou a leva consigo em vez de dal-a ao companheiro que o substitue no serviço.

6.º Si um *Batedor em repouso* toca na bola com as mãos.

b — Um determinado numero de pontos, tres por exemplo, constitue um

Terminado um jogo, mudam os partidos de compartimento e deveres.

c — Os *Caçadores* fazem tam-

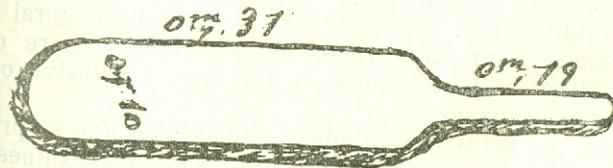
ben um jogo quando conseguem enviar a bola ao compartimento dos *Batedores*, na occasião em que não haja ali nenhum com o direito de batel-a.

d — Quando é igual o numero de jogos, será vencedor o partido que apresentar mais corridas válidas no estádio; em egualdade de numero de corridas, ganhará o partido que tiver maior numero de vôos.

Nota. Para este jogo deve ser usada bola de foot-ball numero 1 ou 2.

Piracicaba, 23—VI—1914.

J. A. A.



Notas

Escola Normal da Capital

Inauguração de um novo gabinete

Realizou-se, no dia 17 de Setembro, a inauguração do gabinete pedagógico de anthropologia e psychologia experimental da Escola Normal Secundaria da Capital.

Ao acto, que se iniciou ás 14 horas, assistiram, além do director e professores do estabelecimento, os srs. dr. Carlos Guimarães, vice-presidente do Estado em exercicio, que compareceu acompanhado de seu ajudante de ordens, capitão A. Marcondes de Rezende; dr. Altino Arantes, secretario do Interior; drs. Freitas Valle, Mario Tavares e José Roberto, membros da commissão de Instrucção da Camara dos Deputados; dr. João Chysostomo, director geral da Instrucção Publica; Guido Frioli, representando o sr. consul geral da Italia; monsenhor Sentroul, director da Faculdade Livre de Philosophia e Letras; representantes da imprensa, inclusive o d'«O Estado» e outras pessoas.

As altas autoridades e convidados foram primeiramente conduzidos á primeira sala, destinada aos exames somato-anthropologicos e aos de natureza esthesiometrica e esthesioscópica das crianças, passando em seguida para a sala contigua, que se reserva ao exame psychologico das funcções mentaes mais elevadas. Durante esta visita inaugural, o sr. professor Pizzoli explicou ao sr. vice-presidente do Estado e demais pessoas presentes a funcção particular de cada um dos apparatus e pedregos instrumentados que constituem o novo gabinete, de que já demos detalhadas e minuciosas informações. O professor Pizzoli foi auxiliado na descripção dos apparatus pelos professores srs. dr. Oscar Thompson, Ruy de Paula Souza, Carlos Alberto Gomes Cardim, Roldão Lopes de Barros e Adalgiso Pereira.

Inaugurado o novo gabinete, que tão uteis serviços virá prestar á instrucção da nossa mocidade, e sendo já hora avan-

çada, os srs. vice-presidente do Estado e secretario do Interior retiraram-se, na impossibilidade de assistir á segunda parte do programma da solennidade.

Esta effectuou-se na sala nobre do Jardim da Infancia, sendo encetada com o hymno nacional, cantado pelo corpo coral da escola.

A seguir, fazendo entrega de uma artistica reproducção em bronze do monumento erigido a Pestalozzi, em Yverdon, offerta do Gymnasio «Macedo Soares» á Escola Normal, na data anniversaria da fundação deste estabelecimento, o sr. dr. José Eduardo de Macedo Soares produziu um bem elaborado discurso em que resumiu a vida e a obra genial do pedagogo suizo, sendo muito applaudido e abraçado por seus distinctos collegas.

Depois da execução da barcarola «Marine» do maestro João Gomes Junior, o director da escola, dr. Thompson, respondendo ao orador precedente, pronunciou a seguinte oração:

«Sr. director do Gymnasio «Macedo Soares». — Ao aquiescer, com viva satisfação, na dadiva que pretendia v. s. fazer á Escola Normal, lembrei, com a devida venia, muito de industria, que a sua entrega se effectuasse no dia da inauguração do Gabinete de Anthropologia e Psychologia Pedagogica, trabalho do eminente professor Ugo Pizzoli. Assim procedi, porque a criação desse instituto não é mais que o ultimo elo de uma importantissima cadeia de acontecimentos pedagogicos, dos quaes o primeiro a poderosa individualidade de Pestalozzi tinha indelevelmente traçado.

Com effeito, moldura-se o bellissimo quadro da evolução do ensino moderno com os factos que decorrem de Pestalozzi aos actuaes gabinetes de Antropologia e Psychologia Pedagogica. E' justo, pois, que, festejando-se hoje, nesta casa, o inicio dos trabalhos daquelle instituto, se preste tambem homenagem a Pestalozzi, o primeiro a traçar a verdadeira directriz do ensino moderno. E, é bom declarar-o, essas homenagens partiram do Gymnasio dirigido por v. s.

Pestalozzi, inspirado nos trabalhos de Locke, de Comenius e no Emilio, de Rousseau, os quaes, por sua vez, se illuminaram em Aristoteles e Platão, foi o primeiro que se propoz a ensinar de accordo com o desenvolvimento natural da criança. Coubelhe, innegavelmente, a gloria de ter feito ruir por terra a orientação empirica até então seguida na educação. A feição, porém, mais caracteristica do seu trabalho educativo consiste em imprimir-lhe o methodo experimental, assim como a sua grande intuição foi descobrir a connexão intima entre a funcção organica do corpo e a funcção mais elevada do espirito do educando. Por isso, as suas theorias variam conforme as suas experiencias

e apresentam matizes diversos durante as varias phases de sua vida pedagogica. O estudo da natureza da criança, do seu desenvolvimento physico e psychico, e a intuição como base de toda a educação, eram problemas que mais preocupavam a sua attenção. Pestalozzi fez-se professor, porque se convenceu de que a ignorancia era a causa de todos os males. Na diffusão do ensino e na sua nova orientação, estava certo, encontraria a felicidade do povo. Na carreira do magisterio sentia-se bem, porque ali estava a sua vocação, a sua verdadeira inclinação, e, portanto, a sua felicidade.

Em nossos dias, a Pedagogia aprofundou-se no estudo da criança. Alargou extraordinariamente os seus dominios, procurando desvendar a personalidade do educando, que, para Pestalozzi, existia em germen, e que ao educador não era dado conhecer. Para esse desideratum lançou mão de duas ordens de subsidios da Psychologia. Primeiro, sob o ponto de vista geral, a Psychologia ensina a estudar, collectivamente, o caracter psychologico dos educandos na infancia, na puericia ou na puberdade. Verifica quaes os methodos que melhor se adaptam ao desenvolvimento da sua mente. Assim, fez a Methodologia decorrer da lei psychologica da fadiga mental, do interesse didactico, tão magistralmente explanado por Herbart, da lei da acustica, pondo-a d'est'arte de harmonia com a natureza physio-psychologica do educando. As proprias noções de hygiene escolar acham na psychologia pedagogica o seu substractum. A administração escolar, quer na parte disciplinar, quer na puramente didactica, ha progredido e muito se tem aperfeiçoado por influencia da psychologia geral, que estuda o mundo infantilem relação ao especial ambiente em que elle se educa. Mas a Psychologia, nestes ultimos tempos, tem, notavelmente, avançado numa outra esphera — no ponto de vista individual, isto é, no estudo do caracter especifico, quer do corpo, quer da intelligencia, quer do sentimento, quer da vontade do educando.

O mais bello, o mais interessante capitulo que a Psychologia offerece á Pedagogia é, incontestavelmente, aquelle que diz respeito á psychologia individual, ensinaando que a função da escola é a de estudar a criança para encaminhal-a na sociedade, de accordo com a sua vocação, tendencia ou preferencia. E esse escopo a psychologia individual realisa actualmente, com methodo facil e attrahente. O seu primeiro passo, neste particular, é o estudo da criança na sua exterioridade somatica. E' a primeira luz que illumina os primeiros passos do educador. Ella vem esclarecer o seu espirito, mostrando-lhe que essa exterioridade somatica é a projecção extrema de factos psychicos ou é pura consequencia de especial manifestação psychica.

Não se estuda aqui a anthropologia com o fim de outr'ora, mas como um capitulo da psychologia individual.

Após esse exame de natureza somatica, pode o educador affirmar si a criança, confiada a seus cuidados, é robusta, sanfranzina, doentia ou deformada. Não se orientavam no ensino os antigos pela conhecida formula *mens sana in corpore sano*? Como, pois, dirigir os trabalhos physicos e psychicos do educando, si não conhece o mestre o grau de resistencia de sua parte somatica?

Foi ainda guiado pela nova orientação da psychologia individual que o educador descobriu que o temperamento intellectual do educando póde apresentar quatro typos diversos. Sob o tecto da mesma escola, ou melhor, da mesma sala, educado pelo mesmo mestre, vivem, numa doce garrulice, crianças que mais se impressionam e melhor assimilam as lições, quando estas, de preferencia, ferem a sua vista — são os typos visuaes. Outros, porém, se commovem mais profundamente com os sons, conservam com mais facilidade aquillo que ouvem — são os typos auditivos. Nessa mesma sala, banhada de muita luz e de puro ar, ha os que mais encanto, mais prazer, encontram no trabalho intellectual que demanda movimentos — constituem os typos motores. E, por ultimo, os indifferentes, que se subdividem em dois grupos: — o dos fortes, que é ao mesmo tempo visual, auditivo e motor em alto grau, desenvolvendo-se sempre harmonicamente, o qual constitue o melhor specimen de alumno, devido á versatilidade de seu espirito; o dos fracos, antithese do primeiro, dotado de intelligencia sem colorido, alheio a tudo e a todos — grupo este constituído pelos insufficientes. E' ainda a Psychologia que ensina que, em alguns educandos, a associação de idéias se opera por contraste; noutros, por processo logico. Os primeiros são os phantasistas, que, quando possuem alto desenvolvimento sentimental, são os que mais pendor revelam para as artes em geral. Os segundos são os logicos, os que procuram sempre as consequencias das causas. Sob o ponto de vista da imaginação, aponta-nos a psychologia dois typos caracteristicos: a) os de imaginação reproductora, o typo mnemonico cujos vôos não se levantam além da esphera aprendida. São alumnos, cuja intelligencia não passa de um disco phonographico ou de uma chapa photographica, e, assim, não são mais do que meros reproductores do que viram ou do que ouviram; b) o constructor phantastico, de imaginação viva, prompta, cheia de devaneios. Os seus trabalhos têm sempre notas pessoas e o cunho de sua individualidade.

E' no campo do sentimento, que mais subsidios presta a Psychologia á Pedagogia!

Si elle é concreto, ensina a distinguir logo á primeira vista, num relancear de olhos, dois typos bem caracteristicos: o egoista e o altruista. Na sua manifestação, o sentimento do educando pode ser exaltativo, quando o seu espirito é vivo, ardente, impressionavel; euphorico, si vê tudo róseo e está, portanto, sempre contente, bonachão, que a tudo se adapta, tudo está bem e nada o incommoda; depressivo, si é um timido, medroso, melindroso, taciturno. Em sua relação com a intelligencia, o sentimento assume formas várias. Assim, póde ser logico ou ethico e esthetico. Que são os grandes estadistas, os juriscultos, os sociologos, sinão grandes espiritos intellectuaes servidos por um alto sentimento?

E não é sómente na alta esphera intellectual que se encontram esses espiritos. A criança, que dispõe em ordem a sua vida — destina tempo para estudos e folguedos, traz, constantemente, bem disposto tudo quanto lhe pertence, é um typo logico. O operario, o criado, mesmo na sua profissão manual, que divide o seu tempo para attender ás suas diversas occupações, e trata com igual desvelo todos os pormenores de seu mister, não é dotado de espirito logico? O esthetico tem o seu sentimento voltado para as artes. Fóra da arte, nada, nada lhe é grandioso nem magestoso.

Relativamente á vontade, a psychologia individual estuda o predominio da sua quantidade ou da sua qualidade. A muita ou a pouca vontade de que é dotado o educando, fórma o typo voluntarioso ou o abulico.

Sob o ponto de vista da fórma, da qualidade, o educando será impulsivo ou reflexivo. O voluntarioso reflexivo é o typo mais elevado, com tendencias ao mando, que a todos governa por seus actos e conselhos. Constituirá mais tarde, na sociedade, a classe dos governantes, dos bons administradores. O voluntarioso impulsivo é temido, mas jámais terá grandes successos na vida. O abulico é o typo baixo, victima de todas as suggestões e que se deixa, gostosamente, governar.

A psychologia individual offerece, pois, os meios de estudar todos os typos do futuro cidadão e, assim, nos aponta a nova, a alta missão da futura escola. Esta não se limitará a ensinar, a educar, mas a collocar, na sociedade, o individuo, segundo a sua tendecia, a sua preferencia, a sua vocação.

O facto da inauguração de um gabinete de Anthropologia e Psychologia Pedagogica é de pouca importancia, considerado em relação aos seus aparelhos e instrumentos, que não dão sinão os meios de estudar as crianças, mas é de extraordinario alcance quando se pensa na orientação que vai imprimir aos

estudos pedagogicos, que são de natureza pratica e util e de incontestavel vantagem social.

E' por isso, sr. director, que ao inaugurar-se, hoje, o gabinete de Anthropologia e Psychologia Pedagogica, que marca ao mesmo tempo, entre nós, uma éra nova, uma phase scientifica para a Pedagogia, — é por isso que deliberei associar a essa festa o nome daquelle que, por suas idéias, pelo seu amor ao ensino e ás crianças, se tornou digno de nossa admiração.

Sr. director! Aqui guardaremos com a reverencia que nos merece a memoria de Pestalozzi, a estatueta, que nos vem do Gymnasio sob a direcção de v. s. E obrigado.

O dr. Thompson foi tambem muito applaudido ao terminar o seu discurso.

O corpo coral entoou ainda, com geral agrado, a *Primavera*, canção do maestro Antonio Carlos, e *Minha terra*, canção do maestro João Gomes Junior.

Finda esta ultima parte, pediu a palavra Monsenhor Sentroul que, num brilhante improviso, se congratulou com a Escola Normal pelo melhoramento que vinha de ser inaugurado, terminando por saudar o professor Pizzoli, com quem, affirmou s. revdma., sem embargo de ser um sacerdote, estava de pleno accordo em relação á orientação psychologica.

As palavras do orador foram, ao seu termo, cobertas de applausos.

Seguiu no dia 10 de Novembro para Santos, para embarcar no paquete *Brasile*, com destino á Europa, o professor Ugo Pizzoli, que durante alguns mezes exerceu, na Escola Normal desta capital, o cargo de lente de psychologia e pedagogia.

Acompanhou-o até á vizinha cidade uma commissão de lentes daquelle estabelecimento, composta dos srs. dr. Ruy de Paula Souza, monsenhor dr. Camillo Passalacqua, professores João Borges e Roldão Lopes de Barros.

A' gare da Luz, compareceram ao embarque do professor Pizzoli, entre outras pessoas, os srs. dr. Altino Arantes, secretario do Interior; commendador Tiburtino Mondim Pestana, seu official de gabinete; dr. João Chrysostomo, director geral da Instrucção Publica; dr. Oscar Thompson, director da Escola Normal da capital; dr. Antonio Lobo, deputado estadual, inspectores escolares e grande numero de alumnos da Escola Normal.

Actos officiaes

LEI N. 1424 — DE 28 DE OUTUBRO DE 1914

Crea e transfere escolas preliminares em varias localidades do Estado

O doutor Carlos Augusto Pereira Guimarães, Vice-Presidente do Estado de São Paulo, em exercicio

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º Ficam creadas as seguintes escolas preliminares :

§ 1.º Masculinas ;

uma no bairro de Patrimonio do Assis, districto de Platina, municipio de Campos Novos do Paranápanema ;

duas na séde do municipio de Campos Novos do Paranápanema ;

uma na séde do districto de Platina, do mesmo municipio ;

uma no districto de Villa Marianna, do municipio da Capital ;

uma em cada um dos bairros de S. Pedro, Palmeiras e Santa Cruz do Rio Abaixo, do municipio de S. Luiz do Parahytinga ;

uma na séde da Companhia Rural de S. João dos Agudos, do municipio de Agudos ;

uma no bairro do Palmital, do municipio de Lorena ;

§ 2.º Femininas :

uma no bairro de Patrimonio do Assis, districto de Platina, do municipio de Campos Novos do Paranápanema ;

duas na séde do municipio de Campos Novos do Paranápanema ;

uma na séde do districto de Paz de Platina, do mesmo municipio ;

uma no districto de Villa Marianna, do municipio da Capital ;

uma na séde da Companhia Rural de S. João dos Agudos, do municipio de Agudos ;

uma no districto de Ribeirão Pires, do municipio de São Bernardo ;

uma na estação de S. Caetano, do mesmo municipio.

§ 3.º Mixtas :

uma no bairro de Patrimonio do Assis, districto de Platina, do municipio de Campos Novos do Paranápanema ;

uma no bairro de Araras, do municipio de Jahú ;

duas na séde do municipio de Campos Novos do Paranápanema ;

uma na séde do districto de paz de Platina, do mesmo municipio ;

uma no districto de Villa Marianna, do municipio da Capital ;

uma no bairro das Duas Pontes, perto da estação Desembargador Furtado, do municipio de Campinas ;

uma no bairro dos Ortizes, no districto de Vallinhos, do mesmo municipio ;

uma no bairro de Brumado, do municipio de Guaratinguetá ;

uma no bairro da Boa Esperauça, do municipio de Pinheiros ;

uma no bairro de Terra Preta, do municipio de Juquery ;

uma na estação de Juquery, do municipio do mesmo nome ;

uma no bairro do Itinga, da Praia Grande, do municipio de S. Vicente ;

uma na estação de S. Bernardo ;

uma no Alto da Serra, do municipio de S. Bernardo ;

uma no bairro do Socego, do municipio de Tatuhy ;

uma no bairro do Campo do Galvão, do municipio de Guaratinguetá.

§ 4.º Nocturna :

uma para adultos, na séde do municipio de Mogy das Cruzes ;

Artigo 20. Fica transferida a escola do sexo masculino do bairro de Canguassú, do municipio de S. Bernardo, para o bairro do Aterrado do Tamanduatehy, na estação de S. Bernardo, do municipio do mesmo nome.

Artigo 3.º Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Artigo 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim a

faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, 28 de Outubro de 1914.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES

ALTINO ARANTES.

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 5 de Novembro de 1914. O director-geral interino, Carlos Reis.

Continuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes gostosamente permutaremos.

As recebidas ultimamente são :

Revista de Educacion, La Plata, Republica Argentina.

Educação Nacional, Porto.

Avença, Revista Escolar, Ceará.

O Indaiatubano, Indaiatuba.

O Movimento, São Manoel do Paraiso.

Monitor Sul Mineiro, Cidade de Campanha.

Revista de la Universidad, Tegucicalpa.

La Revista Coloniale, publicação quinzenal, illustrada — São Paulo.

Anuario Estadístico de S. Paulo, II vol.

Museu Social Argentino, Buenos Ayres.

A Escola, Victoria.

Diario Official, São Paulo.

Movimento associativo

Os srs. associados têm direito, gratuitamente aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Para este fim os srs. associados se dirigisão ao Secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques, rua das Flores n.º 9-A — Capital.

Está á venda o oitavo volume da *Revista*, 1911-1914, para completar as antigas colleções, oito fasciculos, preço 5\$000; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continua a representar na imprensa a Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

E' o seu organ ; a ella devem ser endereçados (rua das Flores, 9-A), os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Os membros da Associação continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados podem obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista* que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço :

Redacção da *Revista de Ensino*,

Directoria Geral da Instrucção Publica,

Rua Ipiranga n. 24

S. Paulo.

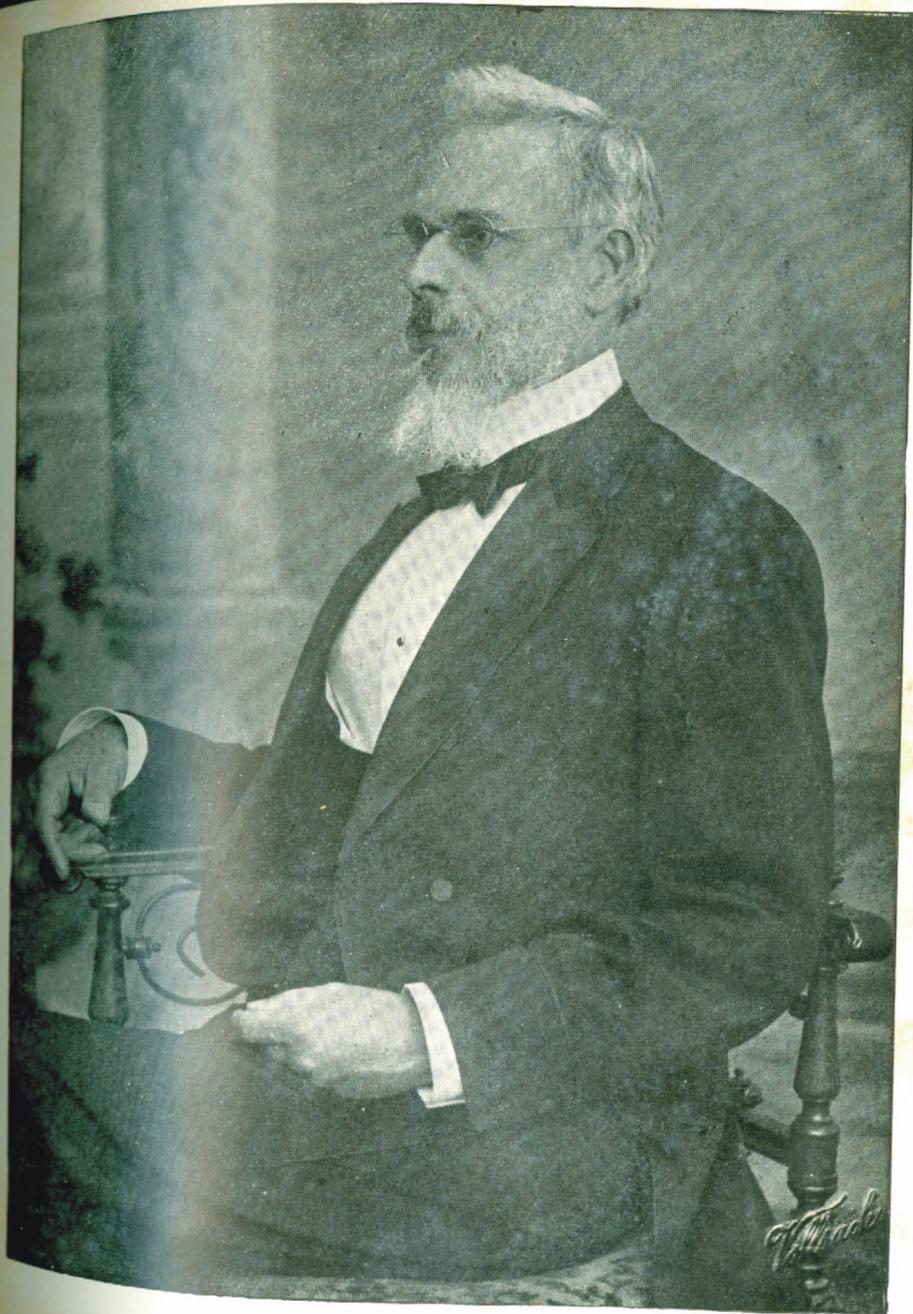
Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado. Recebem-se collaborações para o seguinte numero :

A' venda — colleções completas, doze annos, oito volumes :

Encadernação superior.	50\$000
Meia encadernação.	40\$000
Em brochura.	35\$000
Em fasciculos	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Pedidos á Associação Beneficente do Professorado, rua das Flores, 9-A, ou ás livrarias Francisco Alves & Comp, rua de São Bento e Duprat & Comp., rua Direita — Capital.



Dr. Bernardino de Campos
Homenagem da «REVISTA DE ENSINO»